UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

ANGÉLICA DA PENHA RODRIGUES

AS REPRESENTAÇÕES DA FIGURA MASCULINA SOBRE A INFIDELIDADE:
uma análise dos papéis sociais a partir dos contos de Machado de Assis, *A cartomante, A carteira e Noite de almirante*

Itapecuru-Mirim
2022

ANGÉLICA DA PENHA RODRIGUES

AS REPRESENTAÇÕES DA FIGURA MASCULINA SOBRE A INFIDELIDADE:
uma análise dos papéis sociais a partir dos contos de Machado de Assis, *A cartomante, A carteira e Noite de almirante*

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão.

Orientadora: Profa. Dra. Tania Lima dos Santos.

Itapecuru-Mirim
2022

Rodrigues, Angélica da Penha.
As representações da figura masculina sobre a infidelidade: uma análise dos papéis sociais a partir dos contos de Machado de Assis, A cartomante, A carteira e Noite de almirante / Angélica da Penha Rodrigues. – Itapecuru-Mirim, MA, 2022.
60.f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras Licenciatura, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Tania Lima dos Santos.

1.Papéis sociais. 2.Infidelidade. 3.Figura masculina. I.Título.

CDU: 821.134.3(81). 09

Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665

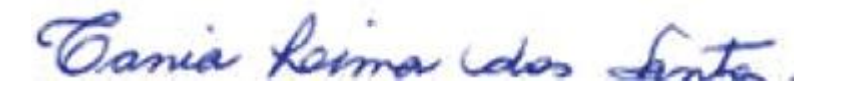
ANGÉLICA DA PENHA RODRIGUES

AS REPRESENTAÇÕES DA FIGURA MASCULINA SOBRE A INFIDELIDADE:
uma análise dos papéis sociais a partir dos contos de Machado de Assis, *A cartomante, A carteira e Noite de almirante*

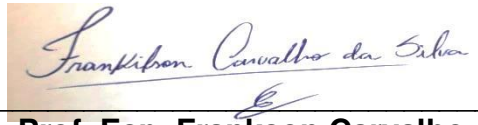
Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão.

Aprovada em: 02/08/2022

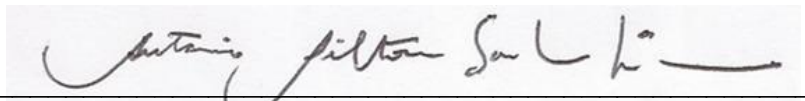
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Tania Lima dos Santos (Orientadora)
Doutora em Letras – Literatura e Cultura
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA



Prof. Esp. Frankson Carvalho da Silva
Primeiro (a) Examinador (a)



Prof. Dr. Antonio Aílton Santos Silva **(2° examinador)**
Universidade Estadual do Maranhão- UEMA

A Deus, à minha família e a todos que contribuíram para a minha formação enquanto acadêmica do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

AGRADECIMENTOS

A Deus por estar presente em todos os momentos da minha existência;

À minha família que têm sido uns dos motivos de incentivo para a construção desse projeto, pois é muito relevante contar com o apoio dos meus familiares nesse momento marcante em minha vida;

A todos os Docentes desta instituição, em especial, a minha orientadora Tania Lima dos Santos pela sua disponibilidade e gentileza, a qual fez grande diferença nesse processo;

Enfim, a todos que colaboraram de alguma forma para que tudo isso acontecesse.

“Somos o que repetidamente fazemos a excelência, portanto, não é um feito, mas um hábito”.

Aristóteles

RESUMO

O presente trabalho aborda a perspectiva da infidelidade nos contos *A cartomante*, *A carteira* e *Noite de almirante* buscando-se destacar a representação do homem na sociedade do século XIX, quando era comum homens cometerem atos considerados incoerentes como assassinatos e castigos contra a mulher ou outro tipo de ameaça sem que sua hierarquia de superioridade fosse afetada. As relações peculiares relatadas nos contos demonstram que os adultérios cometidos são descobertos pelos parceiros e a forma como essa violência conjugal é exposta remete ao leitor a sensação de injustiça, tanto pelo lado de quem comete a traição como daquele que a sofreu. Como objetivo destacou-se a caracterização das representações sociais da figura masculina e sua repercussão no tratamento concedido à temática da infidelidade no conto, sendo que a metodologia escolhida foi baseada em uma pesquisa de índole explicativa e de cunho bibliográfico, destacando como complemento da pesquisa livros, sites e publicações periódicas, acervos literários, como também percepções dos principais teóricos do assunto. Deste modo esse trabalho torna-se importante por trazer uma nova pesquisa para o campo literário e sua contribuição para outros campos de estudos. É de suma importância para a exploração da obra machadiana e para a literatura de forma geral que os leitores e estudiosos tenham à disposição novos vieses como ponto de partida, que venham gerar novas experiências sobre o tema, inovando o aprendizado e o conhecimento.

Palavras-Chave: Papéis sociais. Infidelidade. Figura masculina.

ABSTRACT

The present work approaches the perspective of infidelity in the short stories A cartomante, A título and Noite de Almirante, seeking to highlight the representation of men in nineteenth-century society, when it was common for men to commit acts considered incoherent, such as murders and punishments against women or others. type of threat without its superiority hierarchy being affected. The peculiar relationships reported in the tales demonstrate that the adulteries committed are discovered by the partners and the way in which this conjugal violence is exposed sends the reader the feeling of injustice, both on the side of the one who commits the betrayal and the one who suffered it. As an objective, the characterization of the social representations of the male figure and its repercussion in the treatment given to the theme of infidelity in the short story stood out, and the methodology chosen was based on an explanatory and bibliographic research, highlighting as a complement to the research books , websites and periodicals, literary collections, as well as insights from the main theorists on the subject. Thus, this work becomes important for bringing new research to the literary field and its contribution to other fields of study. It is extremely important for the exploration of Machado's work and for literature in general that readers and scholars have at their disposal new biases as a starting point, which will generate new experiences on the subject, innovating learning and knowledge.

Keywords: Social roles. Infidelity. Male figure.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....9
2 REPRESENTAÇÕES MASCULINAS NA LITERATURA 11
2.1 O homem na sociedade do século XIX.....11
2.2 Representação do homem na literatura 14
2.3 O que é representação social.....18
3 MACHADO O REALISTA DA CONTEMPORANEIDADE 24
3.1 O contista extraordinário.....27
3.2 A infidelidade conjugal ato de traição ou amor 31
3.3 A figura do homem na ficção machadiana.....33
4 REPRESENTAÇÕES DA FIGURA MASCULINA EM TRÊS CONTOS MACHADIANOS.....38
4.1 *A cartomante*.....38
4.2 *A carteira* 42
4.3 *Noite de almirante*.....46
4.4 Análise da representação masculina sob a perspectiva da infidelidade nos 3 contos machadianos 49
5 CONCLUSÃO.....54
REFERÊNCIAS 56

1 INTRODUÇÃO

A representação do homem na sociedade e sua função existencial sempre foi alvo de pesquisa desde os primórdios da história, principalmente como aquele que é responsável pela tarefa de prover os meios necessários para construção de uma família. A figura masculina foi vista durante muito tempo como o patriarca da família e sua condição financeira e reconhecimento ditavam sua posição na esfera social, desta forma o homem também tinha a função de colocar ordem e estabelecer, segundo ele, a honra no lar, haja vista que no século XIX era comum que os provedores de seus lares cometessem atos incoerentes, como assassinato, castigo e qualquer outro ato contra mulheres que viessem a ameaçar sua hierarquia dominante, por motivos muitas vezes toscos, premissas que permeiam até os dias atuais.

A infidelidade sempre foi abordada como um tabu, principalmente no século XIX, quando esses casos eram considerados escandalosos e difamatórios às mulheres que a cometiam. Quanto à infidelidade masculina, poucas obras estudam ou abordam esse tema como uma perspectiva comum, porém sem julgamento pela sociedade. É possível observar através das obras literárias como realmente determinado fato ocorreu, percebendo a expressão/atitude masculina para com determinada situação. As representações da figura masculina nos contos *A cartomante*, *A carteira* e *Noite de almirante* remetem-se à hipocrisia associada ao ato de adultério, em que o homem, por ser uma figura forte e aparentemente inabalável, poderia cometer adultérios sem haver a necessidade de um julgamento alheio e a mulher, por ser submissa, era obrigada a aceitar a situação.

A partir da premissa da figura masculina quanto à infidelidade apresenta-se o seguinte problema de pesquisa: como se configuram as representações da figura masculina nos contos machadianos *A cartomante*, *A carteira* e *Noite de almirante*, que ressaltam a infidelidade conjugal? Caracterizar as representações sociais da figura masculina e sua repercussão no tratamento concedido à temática da infidelidade nos contos tornou-se o objetivo principal. De modo específico, buscou-se traçar o perfil característico desse indivíduo e identificar de que forma o tratamento do adultério era apresentado à sociedade no contexto ficcional dos contos, ambientados no século XIX, e como a descoberta da infidelidade influenciou no desfecho da relação amorosa dos personagens.

Neste sentido, esse trabalho torna-se importante por levar uma nova pesquisa para o campo literário e sua contribuição para outros campos de estudos. É de suma importância para a exploração da obra machadiana e para a literatura de forma geral que os leitores e estudiosos tenham à disposição novos vieses como ponto de partida, e que venham a gerar novas experiências sobre determinado tema, inovando o aprendizado e o conhecimento.

Intensas foram as pesquisas que trouxeram entendimento para os estudos que cercam o universo masculino, a compreensão dessa representação dentro dos contos *A cartomante*, *A carteira* e *Noite de almirante*, resgatando também, deste modo, valores de caráter histórico. Seu autor também sugere diversas compreensões acerca das temáticas abordadas nos contos, nosso interesse pela pesquisa surgiu justamente na intenção de proporcionar novas informações a respeito da configuração do homem apontado nas obras.

Os aspectos metodológicos consistem em um levantamento bibliográfico que fundamenta a análise das obras, utilizando-se livros, sites e publicações periódicas, como outros acervos literários para a construção do trabalho. O levantamento contendo o material bibliográfico assumiu uma grande relevância em vista que autores como Moscovici, Cândido, Guimarães, Fernandes, entre outros que reforçaram abundantemente o estudo da representação masculina, permitindo alocar no trabalho informações que auxiliam no fortalecimento das argumentações sobre a temática.

O trabalho esta dividido em cinco capítulos. O primeiro e o quinto capítulos comportam, respectivamente, a introdução e a conclusão deste trabalho. O segundo capítulo buscou abordar as representações masculinas na literatura, o homem na sociedade do século XIX e a representação social. O terceiro capitulo pontua a questão de Machado de Assis como realista da contemporaneidade e contista extraordinário, trazendo a perspectiva da infidelidade conjugal e a figura do homem dentro da ficção machadiana. Já o quarto capítulo ressalta as representações da figura masculina dentro dos três contos machadianos, realizando uma análise da representação masculina sob a perspectiva da infidelidade.

2 REPRESENTAÇÕES MASCULINAS NA LITERATURA

A imagem do homem presente na literatura tem sido geralmente apresentada com uma carga elevada de força e vigor. As características promovem na imagem do homem algo de dominador, sendo quase exclusividade do mesmo assumir papéis importantes herdados dos pais, tais como comerciantes, fazendeiros ou relacionados a alguma formação considerada importante e ilustre da época como engenharia, direito ou medicina. Ainda era comum ser apresentado como responsável por administrar as finanças e controlar os negócios da família, a fim de obter ou aumentar os lucros.

Basicamente, a imagem do homem muda conforme a época vivenciada nas histórias literárias e a cultura praticada nas mesmas. No contexto do século XIX, apesar de predominar a imagem de um ser forte, mas ainda arrogante, autoritário, machista, que na maioria dos casos causava receio nos indivíduos (pessoas humildes), era possível distinguir a ocorrência de um lado frágil, “louco”, emotivo, que apresentava sentimentos como medo, frustação, solidão e até mesmo fracasso, embora nem sempre essa personalidade pudesse ser dada conhecer, uma vez que o homem deveria passar a imagem de um ser inabalável.

Por outro lado, essa forma de conceber o homem pode ser entendida como uma representação social, construída ao longo do tempo. As representações sociais e o modo como os grupos comportam-se na coletividade ou individualmente acarreta uma série de características a determinados seres, coisas ou situações, as quais podem ser elaboradas pela influência recebida, repetição ou apenas observação. Por esta razão as representações sociais podem mudar de cultura para cultura.

2.1 O homem na sociedade do século XIX

A representação da figura do homem na literatura, em especial a da classe abastada, como referimos, tem sido revestida de características que elevam a um patamar mais prestigiado do que outros, como o da mulher e também dos mais humildes. Assim, a “masculinidade foi a rocha sobre a qual a sociedade burguesa construiu boa parte de sua autoimagem” (MOSSE, 1998, p. 304). Uma figura bem representada dessa classe abastada no Brasil do século XIX era a dos coronéis. Na

época estes possuíam grandes fazendas de café ou cana de açúcar, numerosos escravos, uma casa grande e confortável, além de poder e riqueza suficientes para enviar seus filhos para formação em Portugal, os quais escolhiam basicamente profissões como direito ou medicina.

Desse modo, a constância em manter domínio e poder era tida como um dos privilégios de classe, com o intuito de estar sempre à frente dos grupos dominantes e não serem substituídos por novos homens com maior riqueza. E nota-se que a manutenção de uma posição favorável era fundamental para continuarem como líderes locais. Sobre isto Queiroz (1976), frisa que:

> Assim, do pequeno chefe político local ao grande chefe nacional, apresentavam os coronéis, em graus diferentes, essa virtude indefinível que Max Weber denominou "carisma" - conjunto de dotes pessoais que impõe um indivíduo aos outros, fazendo com que estes lhe obedeçam, tornando suas ordens indiscutíveis justamente porque emanam dele. O carisma era, segundo Max Weber, a virtude dos caudilhos; todo coronel, pequeno ou grande, era um caudilhete ou um caudilho (QUEIROZ, 1976, p. 198).

Portanto, Queiroz reforça aqui o quão importante era manter este "carisma" que eles mesmos entendiam como característica e qualidade indispensáveis para se tornar um verdadeiro chefe de local. Por isso geralmente quando se fazia a escolha das lideranças, elas não eram repassadas de pai para filho, mas somente para os que possuíam o "carisma", daí a importância de ser ter uma família com poder, pois quando o filho não possuía a característica do coronelismo, era preciso escolher um outro "parente".

Assim além do abastado o homem do século XIX também era representado pela classe de comerciantes, pelos profissionais autônomos, operários e escravos. Considerados humildes em meio à elite, dominando o meio social, nesta concepção o homem branco detinha autonomia sobre os grupos menos favorecidos da sociedade que o deixava em situação favorável até mesmo para a escolha da ocupação de cargos, além disso, é interessante frisar que o contexto social como uma divisão onde de um lado estavam homens com poder (homens brancos) e dos outros homens que geralmente os serviam, mas em se tratando das divisões entre homens e mulheres. Bourdieu apud Pinheiro (2020), enfatiza que:

> As divisões constitutivas da ordem social e, mais precisamente, as relações sociais de dominação e de exploração que estão instituídas entre os gêneros se inscrevem, assim, progressivamente em duas classes de

> habitus diferentes, sob a forma de hexis corporais opostos e complementares e de princípios de visão e de divisão, que levam a classificar todas as coisas do mundo e todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre o masculino e o feminino. Cabe aos homens, situados do lado exterior, do oficial do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares [...] (BOURDIEU apud PINHEIRO, 2020, p. 9).

Nesse contexto, percebe-se também que, no quesito de poder trabalhar fora e no desenvolver as atividades tão bem quanto o homem, a mulher não recebia a mesma valorização o que acabava por limitar as habilidades femininas e alavancar mais ainda "coroa" masculina.

Assim, "a mulher brasileira branca do século XIX aparecia como um ser despersonalizado, com atividade circunscrita ao lar e à Igreja, salvo pouquíssimas exceções [...]" (LORDELLO, p. 43, 2002). O padrão moral representado pela figura masculina assegurava os privilégios do homem, prevalecendo sua palavra final, e a imagem de um ser forte, audacioso, corajoso e temido.

Sendo assim, os filhos que cresciam, acompanhando os modelos que lhe cercavam buscavam desenvolver atividades iguais a dos pais, já que neste cenário a figura paterna era responsável por ensinar uma profissão aos seus pupilos que por sua vez, deveriam, por fim absorver toda informação possível para assumir futuramente a gestão financeira da casa na ausência do seu pai. Normalmente esse homem obteve uma educação rígida, regrada a pressão, castigos e até mesmo comparação, pois, nesse espaço ganhava destaque aqueles que detinham maiores bens financeiros. Já as mulheres, desde cedo, aprendiam as responsabilidades de um lar, sendo preparadas para o casamento.

Durante o século XIX, a educação recebida pelas mulheres era, privilégio de uma minoria rica, o que levava ao homem nesse período (século XIX) a assumir papel de sustentar da família, e as mulheres a de cuidar do lar, pois considerada frágil era criada desde pequena para assumir a casa e administrar os afazeres domésticos, incluindo a criação e educação dos filhos.

Nessa perspectiva, compreende-se que ao longo dos anos homens e mulheres foram sendo estabelecidos com papeis diferentes na sociedade. Percebe-se claramente que na sociedade do século XIX havia uma diferença nítida entre homens e mulheres a isso se dava nos mais diversos campos da vida social, como no trabalho, na educação, e assim sucessivamente. Já "[...] nas camadas populares, obviamente nem se cogitava da sua instrução, nas camadas superior e média, elas

recebiam em graus variados uma educação doméstica" (XAVIER, 1994, p. 75). O homem desde cedo era preparado para assumir as despesas de uma casa (sustentar mulher e filhos), obtendo diversos recursos como bons estudos para cumprir com tal objetivo.

Nessa sociedade, o homem poderia realizar quaisquer vontades que desejasse, enquanto a mulher devia viver recatada e, no que diz respeito ao adultério, que a maioria dos homens casados viviam, além de tolerar as traições e/ou humilhações dos maridos, a fim de manter o status social e não ser reconhecida como uma "mulher do mundo". Opinar contra o marido ou interromper os negócios era considerado um absurdo podendo ser punidas pela audácia. Nesse contexto, Costa (1995) ressalta que:

> [...] justificando e impondo diferenças morais aos comportamentos femininos e masculinos, de acordo com as exigências da sociedade burguesa, capitalista, individualista, nacionalista, imperialista e colonialista implantada nos países europeus (COSTA, 1995, p. 110-111).

As atuações frente aos papeis representativos entre homens e mulheres tem sido, porém modificados ao longo do tempo, preservando-se avanços na equitatividade de direitos, prevalecem ainda um maior domínio do homem em posições que ocupam, e a mulher costuma ser tratada como um ser limitado, sobressaindo, muitas vezes, um recorrente rolo machista. Esse tipo de comparação entre os papeis sociais das figuras masculina e feminina será também é abordada nos textos literários, sendo caracterizada por um elo machista.

2.2 Representação do homem na literatura

A sociedade do século XIX apresentava a figura masculina com características de poder e riqueza, com profissões bem sucedidas na sociedade e status relevantes, vista como um ser autoritário e dominante, podendo exercer responsabilidades acentuadas.

Assim, "a representação de homem que se apoia na expressão de um desempenho viril, dominador e possessivo deixa de ser legítima quando se refere a todo e qualquer homem" (NOLASCO, 1995, p. 23). Além desta, ainda existia a

classe menos favorecida, representada por pequenos comerciantes e abaixo desta, a dos escravos.

Na literatura brasileira, podem-se perceber obras cuja caracterização acompanham o modelo masculino hegemônico e seus aspectos sociais. Figura bastante recorrente é a de grandes coronéis e seus filhos, cuja personalidade costumava ser forte. Um exemplo dessa figura poderá ser notada na obra *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, em que Leôncio (o filho do coronel) é retratado como um homem destemido, forte e autoritário.

A obra *A Escrava Isaura* demonstra características referentes a diferentes sentimentos, tal fato se corrobora no que se refere ao personagem Leôncio, pelo mesmo apresentar o autoritarismo que gerava medo nos escravos e de certo modo na sua esposa. O controle que Leôncio empunhava sobre Malvina era considerado opressão, por fazê-la pertencer a um relacionamento no qual não era amada ou respeitada, já que também oprimia Isaura para forçá-la a possuir sentimentos amorosos. “O violento e cego amor que Isaura lhe havia inspirado, incitava-o a saltar por cima de todos os obstáculos, a arrostar todas as leis do decoro e da honestidade” (GUIMARÃES, 1988, p. 30). Quanto aos negócios da família, Leôncio era um verdadeiro colonizador, capaz de realizar grandes negociações.

As características do patriarcalismo presentes em Leôncio demarcava que os homens donos de grandes fazendas e inúmeros escravos possuíam a concepção de que poderiam realizar seus desejos/sonhos a qualquer custo. Quando esse tipo de personagem agia desagradavelmente com mulheres, escravos ou demais pessoas tornava-se nítido a forte presença colonialista/imperialista empregada na época dentro das famílias de classe alta.

Nessa época, a ideia de formação familiar tinha o homem como provedor do sustento da casa, regrado de filhos, com uma bela esposa, formação e boa posição social, tornava-se cada vez mais forte, sendo um dos principais objetivos a serem alcançados pela figura masculina (SAFIOTTI, 1987).

Na obra *Senhora*, de José de Alencar, a figura masculina representada por Lemos é caracterizada pela ambição e pelo o controle por deter a tutela de sua sobrinha Aurélia, administrando todos os seus bens, com interesse na fortuna da moça.

Na história também merece destaque o personagem Fernando Seixas. Assim como Lemos, Seixas também era ambicioso. E por isso, resolve acabar com

as trocas de olhares com Aurélia para investir na jovem moça rica Adelaide Amaral com intuito de conseguir herdar o dote milionário a que teria direito caso casasse com esta, passando a participar da alta sociedade.

Como constatamos, os romances *A Escrava Isaura* e *Senhora*, apresentam homens ambiciosos, extremamente inteligentes, que desprezam as mulheres que realmente os amam, por desejarem outra pessoa ou ainda pelo fator financeiro.

Em relação à representação do homem negro na literatura, este apresentava características que atraíam os olhares dos brancos apenas para o trabalho escravo, tornando-se uma raridade que os mesmos conseguissem deter algum conhecimento, como leitura e escrita e até mesmo uma profissão, como se evidencia na obra *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo.

Neste romance, o personagem Raimundo é filho de escrava e de homem branco, de olhos azuis, formado em Portugal, boa aparência, estrutura alta que se apaixona pela filha do seu tio e "que tem consciência de sua condição e das limitações que esta supõe em São Luís do Maranhão" (MÉRIAN, 1988, p. 274). O amor proibido por Ana Rosa o leva a enfrentar a família da moça e os olhares desaprovadores da sociedade do século XIX.

Nessa obra o autor assevera o peso da escravidão e da discriminação racial. Esses homens negros geralmente eram homens provenientes da África, presos em navios negreiros e alocados para servir de escravos a grandes proprietários de terra.

Sendo assim, fica perceptível nesta obra que essas pessoas viviam em condições sub-humanas, sem qualquer proteção ou direito humano, porém sendo resistentes aos castigos perversos. As punições geralmente ocorriam em vias públicas com a presença de outros negros, para demonstrar o que poderia ocorrer caso eles desobedecessem.

Outro ponto forte característico dos homens negros quanto à situação em que viviam, estava na sua indignação por serem tratados como "animais", sem respeito, com violência, o que gerava revolta contra os brancos, fugas para florestas, combates violentos e até mesmo a morte de uma das partes envolvidas.

Essas raivas contidas sobre ameaças e agressões físicas faziam acreditar que quando libertos poderiam viver tranquilamente, trabalhando para o próprio sustento. "Era uma fúria! Uma víbora! Dava nos escravos por hábito e por gosto"

(AZEVEDO, 1881, p. 10). Esse fato demonstra que o sentimento de salvação e melhores condições de vida também estavam presentes no imaginário dos escravos, bem como o sentimento de vingança pelas atrocidades que vivenciaram (CANDIDO, 2000).

No entanto, a representação do homem negro dentro desse contexto literário deixa visível que o modo de vida e a relação que estes tinham com os homens brancos, apesar de ser considerada por vezes “exageradamente” desumanas, foi importante para que houvesse um desenvolvimento de identidade que futuramente representasse o negro como um grupo com força e conquistando espaço dentro da sociedade.

No livro *O Cortiço* (1890), de Aluízio de Azevedo o autor mostra como característica a falta de recursos financeiros vivida pelo personagem de João Romão, no entanto o personagem traz também o seu lado ambicioso e manipulador principalmente com aqueles que buscavam sua ajuda, como é o caso da ex-escrava fugida Bertoleza, ela realizava trabalhos duros porque tinha sentimentos por Romão e também porque ele forjou um documento de alforria para libertá-la e, por tê-la ajudado, o retribuía trabalhando. Na obra também se percebe a disputa por território entre Romão e Miranda, por dinheiro, o que fazia parte da sociedade no século XIX.

Embora os romances pertençam a diferentes autores, apresentam algumas aproximações como: protagonistas masculinos, indivíduos determinados, corajosos, ambiciosos e persistentes, mas também retratam a fraqueza do homem e a sua busca por afirmação na sociedade, apesar de serem personagens de histórias diferentes, apresentam uma característica masculina bem comum: a audácia. Outros aspectos também sobressaem nestes romances, como o amor proibido e o fator social e econômico

Nessa perspectiva, vê-se que o homem possui particularidades historicamente delineadas na sociedade moderna, sendo que homem e mulher são vistos de modos diferentes, seja em relação a função, salário, emprego etc. A “modernidade” a qual muitos defendem na verdade não passa de um mito encoberto, pois os indícios de que mulher nasceu para as atividades de casa e o homem para o sustento tendem a resistir e vigorar na sociedade. Essa premissa trabalha a ideia de que a mulher não pode assumir funções de grande relevância.

Esta é a figura do homem nas obras em que a representatividade se faz presente, contudo, o que se tem observado é que, com o passar dos anos, essa

virilidade de homem dominante vem dando espaço para uma figura mais branda em relação à mulher, trazendo à tona uma mistura de sensações e talvez “insegurança” ao universo masculino, a partir do momento em que o homem deixa de ser o centro da “força” e a figura da mulher acaba se sobressaindo.

No contexto em estudo, normalmente a mulher apresenta-se com uma imagem fina, compreensiva e doce, uma figura de certa forma “proibida” de demonstrar qualquer outra forma de comportamento e ao homem deveria ser característico a força, sem autonomia para demonstrar insegurança ou qualquer sentimento que estivesse ligado a fragilidade.

2.3 O que é representação social

A construção das imagens de homem e mulher que foram destaque no contexto do século XIX podem ser melhor configuradas a partir da teoria das representações sociais do psicólogo francês Serge Moscovici:

> As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos (MOSCOVICI, 2009, p. 10).

Assim, para Moscovici, a representação social baseia-se na aprendizagem cotidiana que o indivíduo adquire na sociedade, ou seja, uma pessoa será capaz de repetir ações de outros indivíduos observando seus movimentos, gestos, falas, andares e afins. O autor ainda define ou caracteriza as relações sociais em dois parâmetros que se complementam: sujeito e sociedade. Essa afirmação compreende o lado psicológico (comportamento para determinadas ações, pensamentos) e os próprios costumes criados e enraizados na sociedade (cultura) (MOSCOVICI, 1978).

Partindo de sua área de atuação (Psicologia Social) este autor tem a intenção de estudar e entender o comportamento humano na base social, busca suas formas de motivação e não apenas estudar um indivíduo de forma separada. A relevância que assume a perspectiva social em relação a individual deve-se à dinâmica das representações sociais que são:

> Modalidades de conhecimento particular que circulam no dia-a-dia e que têm como função a comunicação entre indivíduos, criando informações e nos familiarizando com o estranho de acordo com categorias de nossa cultura (SAWAIA, 2004, p. 76).

A concepção de representação social de Moscovici suscita ainda um diálogo com a concepção de Durkheim de representação coletiva, da qual derivou a primeira.

> Este sociólogo teorizou que as categorias básicas do pensamento teriam origem na sociedade, e que o conhecimento só poderia ser encontrado na experiência social, ou seja, a vida social seria a condição de todo pensamento organizado e vice-versa. As representações coletivas designavam um conjunto de conhecimentos e crenças (mitos, religião, ciência...) (ALEXANDRE, 2004, p. 130-131).

Portanto, existe uma aproximação entre as concepções de representação de Moscovici e de Durkheim, visto que em ambos são consideradas categorias de pensamento que têm sustentação numa base social. Entretanto, Durkheim distancia-se de Moscovici por apontar como função primordial da representação coletiva a "transmissão da herança coletiva dos antepassados, que acrescentariam às experiências individuais tudo que a sociedade acumulou de sabedoria e ciência ao passar dos anos" (ALEXANDRE, 2009, p. 131).

Nota-se que Durkheim e Moscovici têm visões diferentes sobre a representatividade social. Moscovici defende a introdução de novos elementos na construção do conceito da representatividade social. Para ele, esse conceito deve conter continuamente ideias novas baseadas no contexto social presente, descartando a ideia de um conceito repassado de gerações para gerações e sem mudanças. Além disso, defende a participação dos indivíduos na construção da sociedade, embora de maneira autônoma (ALEXANDRE, 2009, p. 131)

Desse modo, as chamadas representações coletivas tendem a seguir um determinado "padrão" de observação e repetição a qual promovem ações diante de uma determinada ocorrência. Durkheim trabalha duas linhas de pensamentos acerca das representações individuais e coletivas, sendo a primeira linha de pensamento, sob a responsabilidade da psicologia, voltada para as representações individuais, e a segunda linha, voltada para as representações coletivas ficaria sob estudos da sociologia.

Como forma de conhecimento estruturado e transmissível, a representatividade social tem na linguagem uma das ferramentas de comunicação utilizada na sociedade pelos indivíduos.

Assim:

> Nesse movimento de ordenação do mundo, a linguagem exerce papel de destaque, à medida que tipifica as experiências, dota-as de significado categorizando-as numa totalidade dotada de sentido.
> [...] A linguagem por ser flexível e expansiva, fornece a imediata possibilidade de objetivação de experiências. A ordem da linguagem, decorrente de seu processo de estruturação, acaba por imprimir uma ordenação às experiências e exteriorizações humanas. Ela tem origem e encontra sua referência primária na vida cotidiana (ALEXANDRE, 2004, p. 127).

Mediante essa ferramenta, torna-se possível abranger a estrutura social enquanto realidade vivenciada habitualmente, como a escrita, a leitura, os gestos, os movimentos, tudo que estiver envolvido diretamente com o convívio humano e suas dimensões.

O conflito entre o positivismo e a visão dialética, tornou-se o ápice para Moscovici definir representação social como um conflito entre a sociedade e o indivíduo, pois, segundo o autor, o homem somente existe dentro da rede social, devido à interação com seus semelhantes, tornando-se objetos principais do estudo os fenômenos relacionados à ideologia e comunicação. Cumpre ainda ressaltar que a gênese de uma representação social para Moscovici está associada a dois processos, a *ancoragem* e a *objetivação*:

> Ancoragem e objetivação são, pois, maneiras de lidar com a memória. A primeira mantém a memória em movimento e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome. A segunda, sendo mais ou menos direcionada para fora (para outros), tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido (MOSCOVICI, 2009, p. 78).

Nesse sentido, a *objetivação* tem como intuito materializar os conceitos e as ideias. Ou seja, é a fase em que, o que era abstrato se torna familiar e concreto. A *ancoragem* tem a função de juntar os significados, levando-os de um lado para o outro de maneira comunicativa e clara para que sejam entendidos. Vale ressaltar

que a ancoragem leva em consideração os valores dos indivíduos envolvidos nesse processo de comunicação.

Partindo desses princípios emerge a concepção de papéis sociais os quais são regidos por normas comportamentais que definem a estrutura social baseada em direitos, deveres e expectativas presentes na sociedade e que, de certo modo, “orientam” os indivíduos para o convívio individual e coletivo. Esses papéis são responsáveis pela interação social, comunicação, troca de informação, diálogo e status. Todos os papéis sociais podem ser atribuídos ou conquistados, os quais formam pilares para o processo de socialização e que não deveriam ser visualizados como problemas por aqueles que recebem tais atributos.

Contudo esses papéis sociais possuem diferenças gritantes quando vivenciados na sociedade na busca pela formação de comportamentos que procuram a adaptação ou confunde os pensamentos, já que se esses papéis não causariam um problema, a dúvida que se presencia sobre as desigualdades sociais existentes promove uma disputa por melhorias. O valor atribuído a esses papéis sociais pode variar conforme as atribuições da sociedade, reforçando a observação sobre a realidade em que determinados padrões da sociedade conseguem sobreviver e acarretar atributos (COSTA, 1987).

Baseado nesses conceitos iniciais, os papéis sociais podem ser comparados com um imenso teatro, em que os indivíduos estão encenando os personagens aos quais foram designados. Essa mistificação ou ilusão torna-se resultado da sociedade hierarquizada em que a discriminação social está presente nos grupos, o que acarreta uma disputa por status. O processo de socialização provoca uma série de aspectos que necessitam de estudos específicos para poder “justificar” determinadas ações, definir os papéis sociais será uma das tarefas mais complexas.

Assim:

> O status que se atribui a pessoa humana, no que concerne ao prestígio e aos privilégios é de acordo com as posições atribuídas pela sociedade, tantos quantos a sociedade necessite para se constituir, uns atribuídos, outros adquiridos, de acordo com o contexto histórico, social, econômico e organizacional. No caso da sociedade moderna os status melhores são almejados e adquiridos (OLIVEIRA, 2002, p. 85-86).

Alguns papéis considerados razoavelmente fixos tornam-se importantes para definir a sociedade quanto à sua estrutura, pois, tecnicamente, esse grupo apresenta características em comum que podem ser previsíveis e premeditadas, já que, o status definido compreende uma mesma categoria/grupo. Será nesse tipo de fundamento que alguns grupos são definidos pela forma como vivem e relacionam-se.

Quanto ao cenário família, o papel do marido poderá ser representado por um casamento civil, ou não, na qual o homem assume responsabilidade de pai ou padrasto enquadra- se como um papel social moderno. Portanto, “os papéis sociais envolvem comportamentos, pensamentos e sentimentos que determinam a consciência coletiva dentro de um cenário social” (COSTA, 1987, p.54). Em se tratando dos estereótipos, ao se fazer uma varredura na literatura percebe-se a possibilidade de afirmar que, desde o surgimento do primeiro indivíduo no planeta, uma classificação sobre a masculinidade enraizou-se no mundo, perpetuando-se desde a antiguidade até os dias atuais.

Do mesmo modo, um arquétipo de feminilidade marcado, principalmente, por sua criação da costela de Adão, pela desobediência à ordem divina e indução do homem ao pecado original pelo ato simbólico de ter comido a maçã, é repassado. Adão e Eva, personagens bíblicos responsáveis pelo povoamento do mundo, serviram também de modelos para a perpetuação de um pensamento que perdura até a sociedade pós-moderna: o da superioridade masculina em relação à feminina ou a submissão da mulher à figura patriarcal.

> A supremacia masculina ditada pelos valores do patriarcado atribuiu um maior valor às atividades masculinas em detrimento das atividades femininas; legitimou o controle da sexualidade, dos corpos e da autonomia femininas; e, estabeleceu papéis sexuais e sociais nos quais o masculino tem vantagens e prerrogativas (SCOTT, 1995 apud NARVAZ; KOLLER, 2006).

Quando se direciona um olhar mais atento aos personagens da mitologia grega, percebe-se que a superioridade masculina em relação à figura feminina também é marcante. Ao tomar como exemplo o mito de Medusa, uma bela jovem amaldiçoada pela deusa Afrodite, por se igualar à divindade no que tange à beleza, é notória a antagonização da figura feminina, colocada como um ser perigoso, capaz de transformar em pedra todos que a mirassem nos olhos. Medusa era dotada de

poderes mágicos, tinha que ser degolada, acabando assim com o seu poder de petrificação. Afrodite era capaz de prejudicar outra mulher por conta de uma inveja ligada a questões estéticas e de atenção masculina.

Também se nota aqui “a fragilidade e a impotência da mulher face à brutalidade dos heróis” (LOPES, 2012, p. 180). Enfim, a ideia de representação social de Moscovici e de alguns outros autores aqui citados mostrou que ao longo dos anos essa representação foi se delineando e formando seus próprios caminhos, levando em consideração as alterações que acontecem na sociedade no decorrer dos anos, tal fato demonstra a necessidade de entender as diversas culturas e representações e adaptá-las aos novos tempos, ou a época atual.

Pode-se afirmar que as chamadas modernas relações de gêneros presentes na sociedade ocidental estão baseadas em colunas que sustentam, simbolizam ou materializam tais procedimentos, sendo encontradas representações ou meios para relatar as existências através de discursos, falas, imagens, gestos utilizados no cotidiano das pessoas que vivem em meio a essas relações.

As representações sociais de gêneros têm atravessado gerações, na obra de machadiana têm despertado muito interesse no que diz respeito à análise de variados aspectos sociais, entre eles as construções de gênero. Em Machado de Assis geralmente é utilizada para análise de desdobramentos críticos no que se refere às representações de gêneros, principalmente em relação à mulher como ser frágil e o homem como um ser superior, haja vista que tais questões ainda são motivos de discussões atualmente.

3 MACHADO O REALISTA DA CONTEMPORANEIDADE

Como observamos no capítulo anterior, as representações masculinas na literatura, em especial no século XIX, embora tenham um caráter multifacetário, a depender da posição social e das relações de poder com os demais indivíduos, estão caracterizadas por força, autoridade e, de certo modo, pelo machismo, podendo apresentar-se permeadas por sentimentos ocultos e conflitos com a própria personalidade.

Todavia, às vezes, tais emoções somente serão desvendadas quando o leitor se detiver em uma leitura mais aprofundada. Esses desencontros de personalidade também serão observados nas obras de Machado de Assis, uma vez que os personagens literários sempre estão em busca de vivenciar experiências, sendo o amor e os conflitos a este relacionados um dos caminhos para chegar a essa finalidade.

Célebre escritor do Realismo brasileiro, Joaquim Maria Machado de Assis é, assim, resumidamente descrito por Candido:

> Contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras. Ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia, que passou a ser chamada também de Casa de Machado de Assis. Filho do pintor e dourador Francisco José de Assis e da açoriana Maria Leopoldina Machado de Assis, perdeu a mãe muito cedo, pouco mais se conhecendo de sua infância e início da adolescência. Foi criado no Morro do Livramento (CANDIDO, 2004).

Muitas foram as obras escritas por ele. Em 1861 publicou sua primeira tradução, *Queda que as mulheres têm para os tolos,* a partir daí seu trabalho teve continuidade ainda sob o viés romântico. Seu primeiro romance foi publicado em 1872 e intitulado de *Ressurreição*.

Logo após, Machado de Assis escreveu uma série de outras obras, dentre elas, *A mão e a Luva* (1874), *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Histórias da meia noite* (1873), *Ressurreição* (1872), *Helena* (1876) e outras. É preciso também enfatizar que a obra machadiana alcançou quase todos os gêneros literários. Nessa perspectiva, Lúcia Miguel Pereira declara que:

> A obra de Machado de Assis, livro por livro, página por página, ficção e crônica, prosa e verso, se desenvolve toda ela segundo uma linha quebrada ou sinuosa de movimentação dialética. Tudo nela é contraste, contradição, conflito, forma as mais diversas de dialogação social, reflexos do próprio jogo da vida em sociedade essa vida que um dos seus personagens definiu como sendo uma combinação de astros e poços, enlevos e precipícios (PEREIRA, 1991, p. 140).

No entanto, tais características destacadas por Pereira estarão mais presentes a partir do final do século XIX com a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), que foi o marco inicial do Realismo no Brasil. Essa estudiosa refere-se ainda à relevância da produção discursiva de Machado de Assis na vida do autor, ligada à situação dele na sociedade:

> Machado de Assis, genial caçador e dissecador de almas, não se contenta, porém com o contemplá-las no espelho – ele faz desse espelho precisamente o seu agudo aparelho de prospecção e descobrimentos psicológicos. Mais ainda: para revelar o resultado de seu trabalho, ou seja, para revelar os movimentos, que se desenvolvem no íntimo das criaturas captadas na realidade e recondicionadas na ficção, o romancista lança mão, outrossim, de processo igualmente material, fazendo da metáfora o meio de tornar concreto, visível, palpável, o que é abstrato, invisível, impalpável. Processo que em verdade não é apenas material, porém, mais que isso, essencialmente materialista (PEREIRA, 1991, p. 130-131).

Ao apresentar a obra de Machado de Assis, Lúcia Miguel Pereira exaltava-o como contista, deixando claro que o objetivo deste escritor era aproximar o leitor do mundo real apresentado em suas obras, pois os contos machadianos são repletos de sensibilidade e semelhança com os acontecimentos contemporâneos, já que permeiam entre os séculos sem deixar de representar cada um deles.

Roberto Schwarz (1990) também transpassa essa linha de pensamento sobre a obra machadiana na qual:

> A realidade social e histórica brasileira não é simplesmente narrada ou descrita, mas incorporada à própria escritura orgânica da narrativa. Assim, em Memórias Póstumas, a “forma livre de Stern” adotada pelo narrador não seria mero capricho esteticista. Apesar desse considerável modo, pode-se afirmar que, para Schwarz, a durável volubilidade do narrador é equivalente ao embraço enfrentado pela elite brasileira do século XIX, oscilante entre a então “novidade” do liberalismo e o velho modelo da monarquia escravocrata (SCHWARZ, 1990, p. 200).

Dessa forma, quando se faz uma varredura na literatura brasileira a respeito das obras machadianas, fica visível a maneira como seus contos atravessam séculos e se tornam sempre atualizados, pois discorrem sobre situações

ainda tão reais atualmente, por isso no decorrer dos discursos críticos elaborados sobre a narrativa machadiana, desde os primórdios interpretativos, dados imediatamente à circulação, no Rio de Janeiro do século XIX e primeira década do XX, até a receptividade de intelectuais, está o pensamento do próprio Machado de Assis:

> No gênero dos contos, à maneira de Henri Murger, ou a de Trueba, ou à de Ch. Dickens, que tão diversos entre si, tem havido tentativas mais ou menos felizes, porém raras, cumprindo citar, entre outros, o nome do Sr. Luís Guimarães Júnior, igualmente folhetinista elegante e jovial. É gênero difícil, a despeito de sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor (ASSIS,2013 apud SANTOS, 1873, p. 6).

Os contos machadianos por unanimidade apresentam uma concepção prática sobre o convívio e relação das pessoas na sociedade, essa visão apresentada por Machado de Assis intercala por diferentes tipos de contradições humanas através dos seus personagens que experimentam diversos sentimentos e comportamentos como mentira e sinceridade, astúcia e ingenuidade. Nessa perspectiva de relações, ele faz análises das relações humanas que na maioria das vezes serão irônicas.

O fato é que Machado de Assis, por meio de sua arte contista conquistou, já nas décadas de 50 e 60 do século XIX, um relacionamento considerado bom até mesmo com a mídia, pelo menos é o que demonstram as notas nos jornais em que ele escrevia (LIMA, 2001). Os contos de Machado de Assis falam da vida urbana, dos caracteres humanos formadores da sociedade, mentalidades concretizadas em tipos sociais que, inclusive, eram dados à arte, porém sem recursos, sucumbiam à própria condição de socialmente marginalizados.

A riqueza da composição literária de Machado de Assis abarca a esfera de sua origem humilde que traduziu muito bem, tratando as dificuldades para superar a pobreza, ao confrontar e criticar os problemas de classe e os preconceitos, bem como as forças da dominação política (BOSI, 2013).

Desse modo, Machado de Assis propõe uma reflexão sobre o homem e os contextos sociais do século XIX. A partir desse contexto é possível afirmar que a atualidade no conto machadiano, apesar dos séculos, não sofreu grandes mudanças em uma esfera da sociedade no que se refere aos anseios para a aquisição de

glória no meio social. A diferença na leitura entre os séculos XIX e XXI geralmente é feita no sentido de que elas se diferenciam pelo suporte tecnológico que o século atual possui e que fomenta sobremaneira a sociedade de aparências, no exibicionismo do eu, e no aumento das subjetividades.

Portanto, a contemporaneidade de Machado de Assis tem atravessado séculos, fazendo-se presente através das críticas, comparações, problemas sociais e também na figura projetada do homem através dos contos machadianos. Sabe-se que a universalidade de sua obra, ainda que camuflada em temas notórios como o do amor contrariado pelas barreiras sociais, consiste no fato de que ele buscava descrever os segredos da essência humana.

3.1 O contista extraordinário

Como referimos, Machado de Assis fez parte da escola Realista, da qual se tornou um de seus maiores expoentes, além de precursor. Tendo feito parte dessa escola, suas obras apresentam peculiaridades como a objetividade, o apego à razão, o materialismo da vida e suas imbricações como traições e falsidades, além de patologias, quer individuais, quer sociais, como loucura e racismo.

Embora tenha escrito diversos romances, Machado de Assis se tornou “um hábil escritor de contos conseguindo transmitir em poucas linhas muitos significados para dentro de seus contos” (TEIXEIRA apud MARQUES, 2010, p. 4). Acerca dessa magnitude literária de Machado de Assis, é possível dizer que Machado promove aquilo que se chama de brevidade dialética, que acontece quando se produz o máximo de sentido com o menor número de palavras possível. No entanto, para se entender melhor tais aspectos literários é necessário observar com atenção o que é o conto e como ele é visto dentro da literatura brasileira e principalmente nos vieses dos contos machadianos.

No primeiro momento, pode-se compreender conto como sendo uma maneira de narrar rapidamente em formato de prosa com a extensão reduzida, no sentido de tamanho, caracterizado, basicamente, pela abreviação, exatidão e densidade dialética, essa última se trata da riqueza de detalhes que Machado traz em seus contos.

Todavia, em se tratando de aspectos conceituais, ressalta-se ainda que o conceito de conto foi esclarecido apenas no século XVI, quando a palavra, assumiu

sentido próprio e uma acepção moderna (MOISÉS, apud BORGES, 2015, p. 8). Somente com a escola realista o conto ganha maior importância para a literatura enquanto arte.

Essa importância já veio a acontecer no final do século XIX, com o advento do Realismo, a partir daí o conto literário entrou a ser cultivado amplamente, iniciando um processo de alinhamento formal que não cessou até dias atuais (MARQUES, 2010 p. 5). O conto não tem compromisso com aquilo que acontece no dia a dia. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Nos relatos são feitas cópias, nos contos o autor escreve sobre aquilo que quer, sobre o que sente. Então, existe diferença entre um relato que pode ser considerado um documento e a literatura.

O conto seria ainda um modo atual de narrar, caracterizado por seu teor fragmentário, de ruptura com o princípio da continuidade lógica, tentando consagrar este instante temporário (GOTLIB, 2006, p. 12-55). Nessa perspectiva, a referida autora cita Machado de Assis como sendo um escritor que traz em seus contos temas que, segundo ela, são universais e inerentes à natureza humana.

Machado de Assis através de suas obras abordava temas considerados polêmicos para a época, o que resultou no seu reconhecimento perante a sociedade. Seus contos retratam um pouco das características vivenciadas no século XIX, podendo ser averiguado o tipo de vestimenta, cultura, comportamento social entre outros aspectos, trazendo muito conhecimento para suas obras, formando contos ricos em detalhes.

Escrevendo histórias que até hoje se fazem presentes, pois seus contos ainda retratam realidades que podem ser encontradas nos dias atuais, Machado de Assis era um homem a frente de sua época, intelectual e sábio, conhecia as palavras que deveriam ser usadas em seus contos, eternizando seus passos na literatura. Os contos de Machado de Assis atentam às inquietudes humanas, por meio de histórias ricas em detalhes que encantam o leitor e as tornam únicas e autênticas.

Nota-se, então, que a ideia central dos contos machadianos não visa fazer resumos de romances, mas trazer grandes significados em poucas palavras. Apesar de as personagens parecerem ter sentidos antagônicos em alguns contos, deduz-se que o cenário em si se transforma em “lar” para seus personagens, pois se encaixam perfeitamente em seus postos, pela maneira em que são descritos nos

contos. Tendo isso como base e ao ler sobre os contos machadianos na literatura brasileira, é possível corroborar todos os motivos pelo quais é considerado um contista de enorme influência.

Após destacar tais fatos, conceitos e curiosidades sobre as obras literárias fica perceptível a qualidade dos contos machadianos. Outro aspecto a se destacar sobre a qualidade estética de seus contos diz respeito a seus enredos que, embora sejam considerados “frios e minuciosos cálculos”, por alguns estudiosos, o que se infere é que o homem em si é percebido por Machado de Assis como um ser complexo, ele fala sobre tais aspectos e enfatiza sobre a dualidade existente em alguns personagens nos contos.

Essa dualidade bem como os conflitos vivenciados por seus personagens podem ser vistos por exemplo, no seu conto *O espelho*, que narra sobre um grupo de cavalheiros que se reuniam durante a noite para discutir sobre filosofia. Em uma das noites Jacobina, um dos cavalheiros, que pouco intervia nas discussões, mas que era pontual em suas falas, resolve falar sobre a possibilidade de o homem ter duas almas:

> Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... […]. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação […] Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência [...] (ASSIS, 1994 p. 2).

Observe que a ideia de Jacobina é dizer que o homem possui uma alma interna e uma externa e que as duas se complementam dando vida à uma pessoa. De acordo com Gotlib, tal fato pode ser considerado uma maestria do autor, ela mostra sua perspectiva sobre isso dizendo que os personagens, por geralmente estarem em dualidade de sentidos, criam no conto um ambiente de conflitos, fazendo com que aquele que lê, passe a escolher um dos personagens, que quase sempre é o que mais se parece consigo mesmo ou se relaciona à realidade em que vive. Com base nesse aspecto, afirma que:

> Concebido, com cuidado deliberado, um certo efeito único e singular a ser elaborado, ele então inventa tais incidentes e combina tais acontecimentos de forma a melhor ajudá-lo a estabelecer este efeito preconcebido. Se sua primeira frase não tende à concretização deste efeito, então ele falhou em

> seu primeiro passo. Em toda a composição não deve haver nenhuma palavra escrita cuja tendência, direta ou indireta, não esteja a serviço deste desígnio preestabelecido (GOTLIB, 2006, p. 35 apud MARQUES, 2010, p. 10).

Nesse contexto, Gotlib demonstra que Machado de Assis, enquanto contista, faz com que um cerne dramático acabe se desenrolando e instigando o leitor, como por exemplo, o que acontece em *Missa do Galo*. Neste conto fica visível que Machado tem como intuito fisgar o leitor através de uma leitura bem estruturada e pensada. Além disso, é preciso notar que a estrutura dos seus contos induz o leitor a continuar a ler a narração, visando resolver os conflitos em questão.

Ao ler Machado de Assis, torna-se inerente que se considere uma participação do leitor, já que este sente que é necessário:

> Tomar uma posição frente à narração, o leitor é forçado a tomar para si a responsabilidade de interpretar os fatos. E, é nesse ponto que se revela a habilidade machadiana, que, embora não apresente uma história conclusa, instiga o leitor a buscar as respostas no núcleo da ação (MARQUES, 2010, p. 11).

O fato é que existe modernidade nos contos de Machado de Assis, haja vista que sua produção geralmente se dá de maneira dinâmica com os aspectos literários existentes. Fica visível, como já citado anteriormente, que Machado sabia como fazer uso das mídias existentes na época em que estava escrevendo para aproximar o leitor do conto que criava, dando ênfase aos problemas reais da sociedade e até mesmo enaltecendo os comportamentos sociais. Nesse contexto, Teixeira (1998) relata que:

> As narrativas maduras de Machado de Assis não apresentam uma história conclusa, que pudessem agradar a intriga [...]. Não explicam tampouco o problema que abordam ou a conclusão a que chegam. O significado dependerá sempre da interpretação do leitor. Por isso, devem ser lidas com um olho na ação e outro no sentido problematizador que encerram (TEIXEIRA,1998, p. 57 apud MARQUES, 2010, p. 11).

Importante frisar que os contos de Machado de Assis não possibilitam uma única interpretação ou conclusão. Como já foi citado, geralmente o leitor se encontra diante de uma leitura enigmática que, por vezes, o faz tomar posições acerca dos personagens, “vivenciar” a realidade do mesmo e, quem sabe, identificar-se com algumas delas, por isso Machado de Assis é considerado um dos

maiores e melhores contistas, ele consegue fazer um elo entre leitor e personagens cruzando as gerações.

3.2 A infidelidade conjugal ato de traição ou amor

O tema infidelidade conjugal tende a instigar a curiosidade do ser humano, não pelo fato do "escândalo", mas sim pelas pessoas e contextos envolvidos, ou seja, o indivíduo geralmente deseja saber como a história foi descoberta, qual será o desfecho e quando a pessoa traída contará a versão de como tudo ocorreu. A grande questão está em aceitar a infidelidade entendendo que outras pessoas também já passaram por uma infidelidade conjugal[1] e aqueles que sobreviveram a tal instabilidade, costumam, depois de um tempo, buscar outro parceiro.

A infidelidade representa o rompimento de um contrato conjugal ou de um outro relacionamento afetivo, como o namoro, por exemplo. Em suma, para existir a traição não é necessário realizar-se algum ato físico, o indivíduo quando têm pensamentos, fantasias ou desejos em relação a terceiros já está cometendo o adultério, mesmo que no seu inconsciente (CANEZIN, 2004). A segurança provocada pela exclusividade do relacionamento, ou seja, por ter somente um parceiro, gera sentimentos e pensamentos de que a fidelidade será preservada até a morte de um dos dois, porém, ao longo da vida conjugal, alguns caminhos diferentes podem ser percorridos, como no caso da traição e separação dos parceiros.

Quando ocorre o ato de infidelidade conjugal, o parceiro traído poderá ter dificuldade para acreditar no fato e criar expectativas de um suposto retorno.

> A recusa de reconhecer o problema é um mecanismo de escape baseado em medo, falsa esperança [...]. Há um medo de incapacidade para enfrentar a crise, um complexo de não se ter recursos para enfrentá-la, de não se saber para onde se voltar nessa confusão (PETERSEN, 1985, p. 99).

[1] A internet é um dos principais espaços para a ocorrência de traições. Segundo uma pesquisa realizada pelo site *Secondlove* e exposta no site Correio Brasiliense no ano de 2015, o Brasil ocupa o segundo lugar do país que mais trai no mundo perdendo apenas para a Holanda, sendo a internet o principal palco desses relacionamentos com 46,5%. De acordo a pesquisadora belga *Esther Perel,* a qual publicou uma matéria no jornal *El País* no ano de 2017, as mulheres ocupam o ranking de indivíduos que mais traem seus parceiros, visto que, estes criam situações para que ocorram a infidelidade conjugal, tais como desvalorização, agressões, distância entre outros argumentos.

Isso ocorre porque a parte do cérebro responsável pelas sensações positivas e de felicidade não consegue acreditar que a imagem “perfeita” de determinada pessoa poderá ser desfeita, quando esta comete a infidelidade. Assim, “apesar de hoje em dia a separação ser mais aceita, ela traz ainda fortes sentimentos de fracasso, frustração, raiva e desejo de vingança” (WALDEMAR, 1996, p. 175). Em um relacionamento ambas as partes estão sujeitas a sofrer uma traição fato que causa sentimentos controversos como dor, revolta, raiva e desejos de vingança durante um período, e pode até exigir consultas com psicólogo e uso de medicamentos, dependendo de cada um.

Para Feldman (2005, p. 25) “a traição funciona como um verdadeiro atentado à autoestima de quem é traído”. O certo é que a fase pós-traição, às vezes, pode proporcionar grandes aprendizados, resultando em descobertas que antes não receberiam uma importância. Geralmente pequenos prazeres da vida começam a ser descobertos até que o indivíduo consiga recuperar-se das feridas deixadas e preparar-se emocionalmente para a chegada de um novo amor que, ao chegar, complemente o sentimento de ser amado. Nesse momento novos focos de atenção começam a ser estabelecidos, e o autocuidado poderá a ser um dos hábitos constantes.

A questão da traição gera discussões e torna se um tema polêmico, visto que pode ou não existir justificativa plausível para cometer a deslealdade, porém homens e mulheres tendem a legitimar a falta de interesse no parceiro ou a busca por uma pessoa melhor, criando argumentos para isso. De acordo com Mendonça (2009):

> Não existe uma explicação definitiva para que ocorra a traição, o indivíduo justifica-se através de desculpas fúteis utilizadas, como aparência, organização, vaidades (gastos excessivos), beleza em outras mulheres ou em outros homens (MENDONÇA 2009, p. 57).

Essas justificativas utilizadas pelos parceiros podem estar ligadas à perda de interesse, ao desejo momentâneo em outra mulher ou outro homem. Geralmente costumamos observar nas coisas que causam algum tipo de relevância, buscando o maior número de informação possível a respeito daquilo que buscamos no outro. Apesar das diferenças contextuais, alguns comportamentos e sentimentos atuais

assemelham-se ao que acontecia na época em que o homem era visto mormente como um indivíduo forte e dominador.

Este tentava se vingar quando era vítima de traição usando a violência, sendo mais comum no século XIX a agressão física. As mulheres, por sua vez, geralmente suportavam a traição em silêncio para manter as aparências, situação que mesmo após a modernização dos costumes e relevância que vem adquirindo a figura da mulher na sociedade ainda é comum, pois atualmente em algumas culturas a mulher é considerada um sexo frágil, apesar de já possuir maior relevância na sociedade.

Quando Machado de Assis aborda em sua obra a infidelidade, demonstra situações vivenciadas nas histórias, porém remetendo à vida real. Sua ficção de certo modo procura retratar que a infidelidade costuma pesar mais para a mulher do que para o homem, vertente que pode ser observada na sociedade atual, onde casos de traições fazem parte do cotidiano.

A infidelidade quando retratada pelo lado feminino no século XIX aponta que a sociedade constrói uma espécie de rejeição e preconceito em cima da mulher quando o assunto é infidelidade. O homem dificilmente será colocado em uma posição de “vítima da sociedade”, existindo algumas exceções que podem redefinir alguns atos, mas que não deveriam ser levados como justificativa para um ato de infidelidade como geralmente acontece. Já a mulher acompanha um “ritmo sedutor” sendo está colocada quase sempre como a vilã argumentando-se que a mesma provoca e atrai desejos e pensamentos obscuros do homem, até ocorrer em atos indesejáveis que se tornarão escândalos na sociedade em relação à mulher (PETERSEN, 1985, p. 78).

3.3 A figura do homem na ficção machadiana

Dependendo da obra desenvolvida por Machado de Assis, a figura do homem aponta aspectos de acordo com o que o autor deseja enaltecer no personagem, geralmente o que mais se vê nas obras é o comportamento machista presente na imagem masculina e pensamentos de loucura escondido por trás de uma imagem forte e inabalável. Frequentemente o autor aborda características como simplicidade, ambição, traição e a tentativa de se autodescobrir por meio de algumas dúvidas que o personagem principal tenta desvendar e entender sobre sua

própria essência e personalidade. Basicamente, Machado confronta o personagem com ele mesmo a fim de provocar uma reflexão de suas vicissitudes íntimas (SCHWARZ, 1990).

A intensidade como a figura masculina é abordada nas obras de Machado de Assis reflete certo “exagero”, por colocar sentimentos intensos de modo que o personagem em algum momento passa por um estado de “descobrimento”, para depois se identificar dentro do contexto no qual está inserido dando sentido a história. Essa intensidade se manifesta seja como a doação no amor, ou algo de suspense, conflito, escolhas, revoltas, possíveis traições que movem o cérebro a determinar inúmeras hipóteses.

Os personagens masculinos possuem força em relação a suas características, representando o poder do homem na sociedade. (GUIMARAES, 2004). Como constatamos em *Quincas Borbas* (cap.III), em relação ao status social: “Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja que era de prata lavrada. Prata, ouro eram os metais que amava de coração” (ASSIS, 1994, p. 2).

Outra característica marcante dentro da abordagem machadiana encontra-se no fato de o autor colocar o homem como um ser forte, quanto à uma donzela, sendo a figura feminina retratada como frágil, que precisa de cuidados, e o homem chega para resolver essa situação, cortejando, conquistando ou disputando a mulher com outros pretendentes, como no livro *Esaú e Jacó*, onde Flora é disputada pelos dois irmãos gêmeos Pedro e Paulo. “A dor ainda não era ainda o desespero. Havia até uma consolação para os dois gêmeos; é que a moça ficaria longe de ambos” (ASSIS, 1904 p. 72). Nas histórias também pode ser percebida que a imagem masculina era dotada de conhecimentos/ formação/ profissão sendo adquirido ou em Portugal ou no Rio de Janeiro.

Assim, nas obras de Machado de Assis ocorre uma visibilidade quanto à posição do homem na sociedade. Aquele que possuía riqueza ou condições financeiras suficientes para estudar fora do país, adquirir uma profissão de respeito, poderia falar com pessoas consideradas “inferiores” por conta da situação financeira, mas não conviviam no meio delas. Um exemplo dessa situação poderá ser observado quanto à participação de terceiros em festas consideradas da “alta sociedade”, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (cap.12): “Meu pai, que seria capaz de me dar o sol, se lho exigisse, chamou um escravo para me servir doce [...]

(ASSIS, 1881 p. 20). A posição do homem na sociedade depende do tipo de trabalho/atividade que exerce. Normalmente quanto maior poder aquisitivo o homem possuir, maiores tornam-se as chances de ser cobiçado na sociedade.

Em *Dom Casmurro*, o autor apresenta o homem com um ser vulnerável quanto à traição, ou seja, apesar de o homem manter um aspecto de forte e "indestrutível", quando o assunto envolve traição o mesmo demonstra sentimentos de tristeza, apesar de não reveladas facilmente, estando somente nas entrelinhas dos textos, que leitor precisa ler diversas vezes para entender a mensagem. Esse mistério mantém a história interessante, como ocorre na vida real.

A imagem protetora vinda da parte paternal vista na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, gerada em torno da figura masculina promove a visualização de que o homem precisa ser forte, corajoso, honrar seus compromissos, encontrar uma bela mulher para casar e gerar frutos dessa relação: "Porque meu pai tinha-me grande admiração; e às vezes me repreendia, à vista de gente, fazia-o por simples formalidade: em particular dava-me beijos" (ASSIS, 1881 p. 16).

Na ficção machadiana esses atributos podem ser percebidos nos protagonistas, tendo como exemplo Bento Santiago e Capitu, da obra *Dom Casmurro*. "Este é o Dr. Santiago, que casou há dias com aquela moça, D. Capitolina, depois de uma longa paixão de crianças; moram na Glória, as famílias residem em Matacavalos" (ASSIS, 1899 p. 149). Acerca do trabalho, estão sempre seguindo os passos dos pais, sendo induzidos desde pequenos a gostar da atividade da família. Quando o pai morre, o filho costuma assumir as responsabilidades que antes pertenciam à figura paterna (PEREIRA, 2011).

Em termos populares, o homem ainda consegue perder a "cabeça", quando o assunto estiver ligado ao amor por uma mulher, principalmente se esta aparenta ser bem vista e aclamada pelo homem. Normalmente ganha aquele que obtiver maior destaque na disputa entre seus concorrentes. Exemplo dessa disputa poderá ser vista na obra *Esaú e Jacó*, onde Flora torna-se disputada por Pedro e Paulo. "Flora recolheu os olhos, Paulo estava na mesma postura; mas do lado da porta, metido na penumbra, a figura de Pedro aparecia, não menos bela, mas um tanto triste" (ASSIS, 1904, pág 89). Essa competição poderá ser saudável ou não, porém o indivíduo contemplado tende a manter as mesmas características utilizadas

para seduzir e ganhar o coração da mulher por um determinado tempo (enquanto há paixão, o encanto dura) (ANDRADE, 2002).

Um dos pontos a ser ressaltados está na época em que as obras de Machado de Assis são contextualizadas, sendo retratada no século XIX, perfazendo as caraterísticas de uma época "disciplinada" e regrada onde as mulheres eram expostas a diversas punições quando, de acordo com a sociedade, elas eram vistas com comportamentos inadequados.

Nesse tempo os casamentos arranjados faziam parte da realidade de muitas moças e rapazes, podendo o homem disputar o coração da amada com outros cavalheiros. O homem era mais culto, conservador, buscava produzir e logo formar família, para que os herdeiros pudessem assumir suas heranças (AZEVEDO, 2008).

Na obra *Dom Casmurro,* o peso da aparência perante a sociedade poderá ser visualizado no casamento de Bentinho e Capitu, os quais tentam por anos gerar um filho para demonstrar aos seus amigos Escobar e Sancha que podem seguir o padrão cobrado socialmente de casar e ter filhos (FERNANDES, 1999).

Machado de Assis retrata os personagens masculinos conforme o contexto e a situação da história, onde temas como traição, amor proibido, loucura e solidão são alguns aspectos marcantes em suas obras, bem como a espontaneidade de expor assuntos polêmicos como a revisitação racial e a sociedade escravista, escritas na *obra Memórias Póstumas de Brás Cubas* (Cáp.11) "Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo"(ASSIS, 1881, p. 15).

Anos diferentes, publicações diferentes, histórias similares que prendem a atenção do leitor que inicia a leitura desejando decifrar os enigmas deixados entre os espaços de textos. A representatividade masculina retrata seres amorosos, cultos, formados, alinhados ao padrão social, mas também apresenta outras vertentes como a raiva e alegria, uma explosão de sentimentos (TODOROV, 1975).

O capítulo 3 abordará o tema o homem em três contos machadianos, no qual se buscará analisar o comportamento e personalidade masculina. Nesse momento as obras a serem trabalhadas permitirão identificar e relacionar características em comum entre os personagens. Essa perspectiva permitirá ainda uma visão amplificada sobre questões provindas das representações sociais da

figura masculina presente nas obras, observando o motivo de tal comportamento e como ele se desenvolve ao longo da história.

4 REPRESENTAÇÕES DA FIGURA MASCULINA EM TRÊS CONTOS MACHADIANOS

Este capítulo, aborda as representações da figura masculina nos contos *A cartomante, A carteira e Noite de almirante,* nos quais será feita uma análise da figura masculina sob a ótica da infidelidade.

Como vimos, Machado de Assis é considerado um dos maiores escritores brasileiros, escreveu mais de duzentos contos e dez romances, além de várias outras publicações, como, por exemplo, folhetins e peças teatrais. Esses contos foram escolhidos porque abordam mais claramente sobre a infidelidade, e a maneira como a traição era vista naquela época, e como o homem no século XIX era representado tendo que viver mostrando sempre sua virilidade. Cada conto narra uma história em contextos diferentes, por isso entende-se que haja a necessidade de fazer um paralelo entre os três.

A figura masculina é compreendida nos contos de Machado de Assis, normalmente como um ser forte, mas também traz o homem como um ser vulnerável, como foi visto nos capítulos anteriores, como, por exemplo, Bentinho do romance *Dom casmurro*, personagem em quem Machado expõe a vulnerabilidade do homem ao colocar a personagem Capitu como uma esposa que não acatava todas as decisões do marido, o que era anormal no século XIX, pois regularmente a mulher era submissa ao companheiro.

Machado de Assis buscou representar através de suas obras, críticas à sociedade, a seus padrões de comportamentos, suas formas de comunicação, e também traz à tona questões consideradas delicadas e até vergonhosas para o período em que os contos foram escritos, a saber, o século XIX, quando a infidelidade ainda era considerada um escândalo para a sociedade.

4.1 *A cartomante*

A cartomante foi publicada pela primeira vez no jornal carioca *Gazeta de Notícias*, em 28 de novembro de 1884, sendo também republicado doze anos mais tarde, em 1886, no livro intitulado *Várias histórias e contos*: *uma antologia*. Obteve outras representações como a adaptação para os cinemas, nos anos de 1974 e 2004, e para a ópera, em 2014.

A história ocorre na cidade do Rio de Janeiro em 1869, na qual o autor ressalta endereços famosos da época, como a Rua das Mangueiras e a Rua dos Barbonos: “A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras” [...] (ASSIS, 1884a, p. 3).

Narrado em terceira pessoa, o autor buscou caracterizar os personagens como figuras jovens. O conto apresenta-nos Camilo de 26 anos, funcionário público que não possuía muita experiência. Já Rita está na casa dos 30 anos, representada como uma mulher graciosa, seu marido de nome Vilela, com idade de 29 anos, possuía o título de advogado: “Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado” (ASSIS, 1884a, p. 4).

A obra trabalha o triângulo amoroso entre Camilo, melhor amigo de Vilela, que faz parte do convívio familiar, e Rita, entre os quais existe uma paixão proibida. A audácia de um triângulo amoroso desperta o interesse do público em descobrir o desfecho da história.

Basicamente, a história inicia-se em uma noite de sexta feira, no ano de 1869, na cidade do Rio de Janeiro, quando Rita, angustiada com sua vida amorosa, temendo que seu marido descubra a traição, resolve consultar a cartomante: “foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo” (ASSIS, 1884a, p. 4). Além desses personagens tem destaque no conto também a figura da cartomante que funciona como um oráculo e é quem dá título ao conto, personagem responsável por enganar Rita e Camilo com adivinhações sobre o futuro dos dois.

A cartomante é descrita como uma mulher negra, magra e italiana de aproximadamente 40 anos, costumava relatar o que seus clientes gostariam de ouvir, mentindo sobre as previsões e sempre mantendo um ar de mistério. Quando conhecia alguém sem malícias, aproveitava-se da inocência existente e o persuadia com algumas revelações que este mesmo lhe havia relatado. Camilo não acreditava em superstições e estava sempre rindo dos pensamentos exagerados de sua amante.

Os três jovens eram próximos uns dos outros, principalmente depois da morte da mãe de Camilo, quando Vilela e sua esposa passaram a dedicar mais atenção ao seu amigo. Rita e seu esposo viviam na região do Botafogo e, quando

ela conseguia sair de casa, encontrava seu amante às escondidas na Rua dos Barbonos. Camilo não sabia ao certo como e quando surgiu a paixão pela esposa de seu melhor amigo, mas apreciava passar horas ao seu lado, compartilhando livros ou simplesmente jogando xadrez e dama: “Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela, era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita” (ASSIS, 1884a, p. 3).

O ápice da história ocorre quando Camilo começou a receber cartas anônimas de alguém que afirmava saber sobre seu caso amoroso com Rita. Logo ele começou a preocupar-se e ficou com receio da reação de seu amigo e de como essa história poderia terminar. Com esse pensamento, resolveu afastar-se da amada, mas seu afastamento despertou a curiosidade de Vilela e o desespero de Rita, que acreditou que seu amado não lhe desejava mais, daí recorreu novamente à Cartomante. Enquanto Camilo seguiu ausente da casa de Vilela, Rita intensificou suas preocupações a respeito do relacionamento.

Vilela enviou a Camilo um bilhete, convidando-o para um encontro em sua casa: "Vem já, já, à nossa casa; preciso falar-te sem demora"(ASSIS, 1884a, p.3). O amante, por sua vez, desconfiado e aflito resolveu quebrar suas tradições e consultar a cartomante como garantia de que tudo iria correr bem. A cartomante como sempre, mentindo, revelou a Camilo que seu futuro seria pleno de amor com a sua amada, fazendo, com isso, que, tomando coragem, ele fosse à casa de seu amigo com mais confiança. Ao chegar, visualizou uma cena aterrorizante, em cima de um canapé, estava Rita, morta e ensanguentada. Na sequência, Vilela o segura pela gola e o mata com dois tiros.

As figuras masculinas dentro do conto *A cartomante* expressam uma imagem de seres vulneráveis, seja pela descrença percebida em Camilo em relação à cartomante, seja pelo fato de Vilela não desconfiar de sua esposa. No entanto, a figura masculina também é caracterizada por personagens que realizam, ao mesmo tempo, atitudes boas e más, generosas e sórdidas, evitando que se identifique algum como herói, uma vez que todos os personagens masculinos carregam aspectos positivos e negativos. Assim, todos interpretam um papel social, tendo Machado de Assis buscado transferir para o leitor a responsabilidade de julgar cada um dos envolvidos.

Como observamos, Vilela representava o típico burguês da época, formado em Direito, dotado de altos conhecimentos, boa formação e condição financeira estável. Casou-se com Rita, considerada uma bela mulher, a qual ostentava aos amigos e familiares, em eventos, provando, assim, seu poder e o status social, característicos de sua classe. Em razão disso, não suportou a vergonha da traição e procurou reparar a sua honra conforme o costume da época, vingando-se.

Já Camilo, era um típico jovem que buscava viver do jeito mais leve possível. E, assim como Vilela, Camilo também fazia parte da elite burguesa, no entanto não seguiu o desejo do pai em cursar Medicina, tornando-se servidor público com ajuda da mãe: “Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranjou um emprego público” (ASSIS, 1884a, p. 2). Camilo, ao contrário de Vilela optou por não seguir o que lhe era destinado, estudar Medicina, pois como sabemos na camada burguesa era fundamental ter uma boa posição social.

Machado de Assis trabalha a infidelidade nesse conto de forma que o leitor consiga perceber o tipo de ambiente presente na sociedade burguesa em relação ao casamento, o adultério em prol da manutenção do status e da ordem social. Um relacionamento apenas por aparência que mostra um casamento baseado na conveniência, ou seja, apenas para exibição de poder e cumprimento do papel social, sendo movido por interesses financeiros. O casamento de “fachada” entre Rita e Vilela expõe o sentimento de infelicidade e frustração. Sendo assim, percebe-se que a construção do poder e o status social eram formas de apresentarem-se à sociedade como pessoas importantes, que detinham riquezas e poderiam desfrutar de tal recurso.

Os papéis sociais poderiam ser definidos através das normas comportamentais que, na verdade, definem e asseguram a estrutura social sobre o que deverá ser direito e dever de cada indivíduo. Esses princípios ordenam os indivíduos para a convivência individual e coletiva. Nessa perspectiva a imagem de Camilo encaixa-se perfeitamente nesse contexto, uma vez que aparentava ser amigo de Vilela, mostrando respeito pela amizade construída desde a infância, porém, em seu modo individual, trazia consigo a malícia da traição, sua verdadeira essência, que era a hipocrisia.

No entanto, não era apenas Camilo que evidenciava divergências no seu modo de ser e agir. Ao olharmos para a personagem de Rita, percebe-se que ela

mostrava ser amiga e fiel esposa, mas longe dos olhares da sociedade tinha um caso amoroso com Camilo, revelando sua verdadeira essência, podendo ser vista como uma mulher capaz de manipular outros indivíduos.

Algumas características machadianas ganham destaque dentro da obra *A cartomante*, como a visão objetiva e pessimista da vida, do mundo e das pessoas, como a malícia, e hipocrisia. Os padrões de comportamento abordados por Machado de Assis, geralmente apresentam o homem com certo poder aquisitivo, posição social, formação cultural, profissional e com status privilegiado. O uso de metáforas, para confundir a cabeça do leitor ou criar um pensamento a respeito de alguma situação lida, as comparações superlativas e o comportamento imprevisível também fazem parte do contexto: “Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca” (ASSIS, 1884a, p. 3),

Enfim, o homem na sociedade do século XIX, dentro da obra machadiana *A cartomante,* poderá ser observado através da perspectiva da classe burguesa, ou seja, numa época, em que a figura masculina era constituída por homens que continham boa formação profissional como o Direito, no caso de Vilela. Outro ponto interessante está nas formas de manter o poder e o domínio que precediam a classe burguesa, sendo a posição social, o famoso status que era considerado simbólico para a sociedade, em especial para o homem, sendo questão de honra e orgulho. O casamento era baseado em interesses financeiros e o homem praticamente ou quase sempre herdava a profissão do pai.

A narrativa se encerra com a punição da esposa e do amante que são reflexos da elite burguesa do século XIX, após o marido descobrir a traição. Nesta época a honra era considerada de grande valor e o homem traído tinha direito à vingança. No entanto, o conto não revela como Vilela descobre a traição, poderia ter sido através da cartomante ou ele poderia ter interceptado as cartas dos amantes, ou até mesmo uma outra pessoa teria contado a Vilela, o fato é que não se sabe efetivamente como ele descobre, mas o caso amoroso se encerra como era comum naquela época, com o homem defendendo sua honra.

4.2 *A carteira*

Esta obra de Machado de Assis foi publicada em primeira mão no ano de 1884, no jornal conhecido como *A estação*. A trama se passa no Rio de Janeiro, precisamente no século XIX e conta a história de Honório, um típico advogado carioca que se assolou em dívidas, a fim de manter o status social e a condição financeira perante sua esposa, Amélia e a sociedade. Seu aperreio financeiro e emocional aumenta à medida que se aproximava a data do vencimento da dívida cujo valor já montava os quatrocentos e tantos mil-réis.

As dívidas contraídas por Honório eram advindas dos gastos exagerados: "Gastos de família excessivos, a princípio por servir a parentes, e depois por agradar à mulher, que vivia aborrecida da solidão; baile daqui jantar dali chapéus, leques [..] Endividou-se" (ASSIS, 1884b, p. 1). No entanto, Honório não relatava a ninguém sobre seus problemas financeiros, nem mesmo para a esposa. "D. Amélia não sabia nada; ele não contava nada à mulher, bons ou maus negócios. (ASSIS, 1884b, p. 2).

Todavia, um sopro de esperança ocorre quando Honório encontra uma carteira, mas, precisava decidir se ficaria ou não com ela. Honório decidiu ficar e foi até um estabelecimento, ainda com muitas dúvidas quanto a abri-la. Decidiu abrir a carteira e, desse modo, descobriu que a carteira estava recheada de dinheiro e cartões: "esquadrinhou os bolsos da carteira; achou cartas, que não abriu, bilhetinhos dobrados, que não leu, e por fim um cartão de visita". Ao ver tanto dinheiro, Honório não conseguia resolver se usava o dinheiro ou devolvia a carteira ao dono, no entanto sua consciência se sobressai e ele decidiu saber quem era o dono: "leu o nome; era do Gustavo" (ASSIS, 1884b, p. 3).

Gustavo era advogado e um velho amigo de infância de Honório e praticamente parte da família, mas não sabia das dificuldades financeiras de Honório, apesar de frequentar a casa do amigo constantemente. "Quando o Gustavo, ia todas as noites à casa dele, dizia uma ou duas pilhérias, ele respondia com três e quatro; e depois ia ouvir os trechos de música alemã, que D. Amélia tocava muito bem ao piano" (ASSIS, 1884b, p. 2). Esta gostava de tocar piano, e seu esposo e o seu amigo apreciavam e admiravam a delicadeza com que cada nota era emitida.

Após a descoberta e triste com a situação, Honório voltou para casa desconsolado, pensando no que poderia fazer para solucionar a dívida no prazo do pagamento. Chegando ao lar, estranhou ao ver o amigo Gustavo e sua esposa sozinhos conversando, mas não demonstra ciúmes, entrou rindo e perguntou se o

amigo não perdera algo. Este, por sua vez, diz que não percebera nada de estranho, até sentir falta da carteira. Honório, então, lhe entrega seu objeto, recebido rapidamente por um Gustavo um tanto desconfiado. Após ficar novamente a sós com Amélia, visto que Honório retirou-se para se preparar para o jantar "Gustavo sacou novamente a carteira, tirou um dos bilhetinhos, e estendeu-o a D. Amélia, que, ansiosa e trêmula, rasgou-o em trinta mil pedaços: era um bilhetinho de amor" (ASSIS, 1884b, p. 5). Somente neste momento o caso amoroso é revelado ao leitor, Gustavo e Dona Amélia eram amantes.

Como observamos, nesse conto, Machado de Assis constrói um triângulo amoroso entre Honório, Gustavo e Amélia. Em relação a figura masculina, o autor trabalha duas perspectivas: a do fracassado e a do vencedor, visto que, ainda que os dois personagens masculinos fossem advogados, vivendo em uma sociedade dominada pelo poder e o status, apresentavam distinções perceptíveis.

Gustavo possuía uma vida financeira estável, embora não formara uma família, e, ao que parece, mantinha apenas o caso amoroso com a esposa de seu amigo. Já Honório conseguira construir uma família, mas possuía muitos problemas financeiros e dívidas que o assombravam diariamente. Seu descontrole e desequilíbrio emocional pode ser notado, sobretudo, quando este, mesmo sem conseguir resolver seus problemas financeiros, persiste em manter os mesmos gastos anteriores de um padrão de vida elevado para parecer bem sucedido na elite burguesa, comportamento o leva a falência. Concedendo ênfase à luxúria e à infidelidade, Machado de Assis revela neste conto a ruína de um homem provocada por suas dívidas enquanto enfrenta, sem o saber, simultaneamente, o caso de infidelidade de sua esposa e daquele que considerava seu amigo.

A partir daí, nota-se que Machado intencionava mostrar através desta narrativa uma crítica à camada burguesa da sociedade carioca daquela época, que preferia viver de aparências a ter que assumir a própria derrota. No século XIX, manter um status social era de grande valia, assim como ter uma profissão valorizada pela sociedade, como era o caso dos dois personagens, formados em Direito.

A burguesia do século XIX detinha uma representação social visivelmente padronizada, promoviam bailes, festas e ostentavam um alto poder aquisitivo. A mulher era vista pela maneira como se mostrava a essa elite de poder, ou seja, era preciso seguir os padrões daquela sociedade, pois, ao se manter as aparências,

preservava-se também a própria família dentro da elite daquela época. Os homens, por sua vez, eram mais acostumados a viver essa realidade, pois geralmente, desde a adolescência, já dividiam os mesmos costumes entre os amigos e as famílias da sociedade. Assim, deixar de pertencer à classe burguesa era considerado vergonhoso, o que fazia com que o medo do fracasso fosse uma constante e buscassem manter a aparência quando, porventura, o fracasso fosse inevitável.

No que se refere à infidelidade apresentada no conto *A carteira*, pode ser percebida de forma menos escandalosa, uma vez que nessa história ninguém desconfia do caso entre Amélia e Gustavo, não existindo ameaça ou alguma intenção de vingança iminente. Na narrativa, Honório apenas estranha ao ver o melhor amigo e sua esposa conversando sozinhos, não havendo de sua parte uma grande curiosidade a ponto de indagar o porquê de os dois estarem na sala sem sua presença. De igual modo, também demonstra interesse em conhecer o conteúdo dos bilhetes escondidos na carteira. Pode-se atribuir a extrema confiança dedicada ao amigo a uma longa amizade, que remonta à infância dos dois, e, posteriormente, após seu casamento, ao convívio costumeiro que Gustavo mantinha com sua família.

Percebe-se ainda que Honório, em suas atitudes, demonstra ter mais ética e ser mais sincero nas suas relações, tanto com Gustavo - quando resolve devolver-lhe a carteira, para não lhe causar prejuízo e também quando não lê seus bilhetes pessoais – como com a esposa Amélia - quando se admira ao vê-la sozinha com seu amigo, mas, cauteloso, ou ingênuo, não os interpela. Já Gustavo aparentava ser um bom amigo, mas não era leal, mantendo um relacionamento com Amélia. Quanto a Amélia há uma ansiedade e nervosismo quanto ao recebimento dos bilhetes e uma desconfiança de Gustavo quando recebe a carteira perdida.

Quanto à figura feminina dentro do conto, sabe-se que esta cometia adultério, mas que, devido a isso, apresentava um sentimento de temor em ser razão da possibilidade de ser descoberta e também de ser julgada pela sociedade, o que se caracterizaria como um escândalo público. Desse modo, Amélia ao receber os bilhetes de Gustavo e conhecedora de que seu marido estava em um cômodo próximo, resolve rasgá-los em pedacinhos. Novamente aqui, a preocupação em aparentar honestidade sobressai como um padrão a ser alcançado em detrimento da essência infiel e desonesta. Um outro fator que merece destaque era em relação as atribuições da mulher naquela época que além de ser dona do lar e cumprir com

suas obrigações cuidando da família, era o de saber tocar algum instrumento, dona Amélia, segundo o conto tocava piano muito bem, e por fazer parte da burguesia isso era bem visto já que era uma das atribuições da mulher.

Já Gustavo não se importa em entregar os recados escritos com a presença do amigo na casa, o que demonstra sua audácia e também comprova aqui seu verdadeiro carácter. Ao manter a amizade com Honório enquanto o traía com a esposa deste, evidencia também que vivia de aparências.

No que tange aos papéis sociais, pode ser percebida no conto a imagem do homem que se mostrava para a sociedade como um ser corajoso e destemido que não costumava apresentar medo ou a covardia. Analisando esse ponto sobre papéis sociais, Honório aparentemente não demonstrava suas fraquezas à família ou a terceiros, preferindo o peso de viver endividado e ameaçado a ter de se autodeclarar falido. Isso porque os julgamentos da burguesia seriam duros e o personagem sofreria o desprezo e provavelmente a separação da mulher. Manter o status e a posição social era, portanto, questão de honra e dignidade.

Por fim, observou-se ainda nas entrelinhas desta narrativa que o autor expressa uma dura ironia através da qual é possível analisar os hábitos socioculturais e a própria natureza humana, como seus vícios e suas limitações permanentes, o que comprova que a conivência social transforma hábitos através da imitação de gestos, linguagens e etc. Dentro das características machadianas, sobressaem o aspecto realista presente no conto, bem como, em relação à posição do homem frente à sociedade, à lei do mais forte e as críticas à burguesia.

4.3 *Noite de almirante*

O conto *Noite de almirante* foi publicado em fevereiro de 1884, no *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, e depois incluso na coletânea *Histórias sem Data*, do mesmo ano. É considerado uma obra-prima machadiana, e tem por motivo o desencanto ou o desencontro amoroso. O conto trata sobre a inconstância do amor no coração de uma cabocla, Genoveva. É narrado em terceira pessoa e o espaço utilizado para tal narração é a zona portuária da cidade do Rio de Janeiro. No decorrer da história, presencia-se ainda a ocorrência de um triângulo amoroso.

O conto narra a história de Deolindo, cujo apelido é Venta-Grande, um marinheiro que conheceu Genoveva e viveu uma intensa paixão durante três meses:

“Começara a paixão três meses antes de sair a corveta” (ASSIS, 1884c, p. 1). Após esses três meses em terra firme, ele precisava voltar ao navio para fazer uma viagem de aproximadamente dez meses. Mas, como estava apaixonado, pensou em abandonar a profissão e ir morar no sertão com Genoveva.

No entanto, Dona Inácia o aconselhou a não desistir do emprego. Deolindo ouvindo o conselho, foi para sua viagem fazendo, antes, um juramento de fidelidade a Genoveva: “[...] Deolindo não teve remédio senão seguir em viagem de instrução. Eram oito ou dez meses de ausência como fiança recíproca, entenderam dever fazer um juramento de fidelidade” (ASSIS, 1884c, p. 1).

Ao retornar, descobriu, através de Dona Inácia, que Genoveva conhecera um mercador ambulante, José Diogo, com quem fugira e fora morar: “Não me fale nessa maluca, arremeteu a velha. Estou bem satisfeita com o conselho que lhe dei. Olhe lá se fugisse” (ASSIS, 1884c, p. 2). Deolindo, então resolveu ir até a nova casa de Genoveva, encontrando-a sozinha. Ela o recebeu de maneira cordial, mas, sem intimidade, a sua explicação para a mudança foi simples: “Pode crer que pensei muito e muito em você. Sinhá Inácia que lhe diga se não chorei muito... Mas o coração mudou... Mudou” (ASSIS, 1884c, p. 3).

Deolindo recordou-a da promessa, mas ela disse que coisas aconteceram durante aquele período. Conversaram e ele acabou dando-lhe os presentes que havia levado: “A resposta dele foi meter a mão no bolso e tirar o pacote que lhe trazia. Ela abriu-o, aventou as bugigangas, uma por uma, e por fim deu com os brincos” (ASSIS, 1884c, p. 4). Até então, Deolindo ainda alimentava uma esperança de tê-la de volta, mas acabou indo embora após contar histórias da viagem. Cabisbaixo, Deolindo retornou para seu barco, mas não teve coragem de revelar aos colegas como havia sido a sua “*noite de almirante*”: “Ele respondia a tudo com um sorriso satisfeito e discreto, um sorriso de pessoa que viveu uma grande noite. Parece que teve vergonha da realidade e preferiu mentir” (ASSIS, 1884c, p. 6).

Nota-se nesse conto que, assim como nos que foram analisados anteriormente, se sobressaem sentimentos como: ironia, falsidade e hipocrisia. Tais sentimentos podem ser observados, por exemplo, no comportamento de Genoveva ao receber Deolindo quando esta volta de viagem: “Contou-lhe então tudo, as saudades que curtira, as propostas do mascate, as suas recusas, até que um dia, sem saber como, amanhecera gostando dele” (ASSIS, 1884c, p. 6).

Genoveva é parecida com muitos homens e mulheres dos dias de hoje que apresentam uma dubiedade de caráter ou mesmo mau caráter. Já Deolindo representa a ingenuidade e a fidelidade, mais são escassas nos dias de hoje, embora revele-se como personagem que cria expectativas com relação a outra pessoa e, por se deixar levar pela paixão, acaba se firmando em uma relação sem alicerces sólidos, em vez de construir algo mais duradouro: “O pobre marujo citava o juramento de despedida, como uma obrigação eterna, diante da qual consentira em não fugir e embarcar: Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte" (ASSIS, 1884c, p. 4).

Nesse conto nota-se ainda a presença marcante da ironia machadiana já a partir do título *Noite de almirante*, cujos sentidos traduzem em ironia a inversão de papéis entre o casal, percebendo-se a condição passiva e conformista de Deolindo diante da traição explícita de Genoveva, em relação aos votos de cumplicidade que os dois fizeram. Nesta narrativa, compreende-se ocorrer um claro contraste entre o amor e o desprezo, mas que mesmo assim os dois sentimentos prosseguem numa mesma perspectiva.

O forte poder de influência e de convencimento de Genoveva perante Deolindo são atributos que a colocam a figura feminina no centro dos vencedores: “Pois, sim, Deolindo, era verdade. Quando jurei, era verdade. Mas vieram outras coisas... Veio este moço e eu comecei a gostar dele” (ASSIS, 1884c, p). Esse poder de persuasão que Genoveva possuía deixa claro que a vitória é para os mais sagazes e astutos, e que a lei dos mais aptos e fortes acaba prevalecendo.

Além disso, o ápice do conto envolve uma conduta encoberta e irônica de Genoveva que, habilmente, contraria as boas intenções de Deolindo: “Genoveva olhou para ele com desprezo, sorriu de leve e deu um muxoxo; e, como ele lhe falasse de ingratidão e perjúrio, não pôde disfarçar o pasmo” (ASSIS, 1884c, p. 4).

Nessa perspectiva, *Noite de almirante* se configura como uma narrativa dividida, de um lado, tem-se uma visão conservadora do amor, quando Deolindo acredita nas promessas de fidelidade feitas por Genoveva antes de ele ir para sua viagem de dez meses em alto-mar. E, de outro lado, uma visão do amor contemporâneo que é vivido por Genoveva quando a mesma mantém relacionamentos momentâneos. Percebe-se que o encanto de Genoveva por Deolindo durou apenas enquanto estiveram juntos, após separados fisicamente, romperam-se também as promessas feitas e os sentimentos evidenciados

anteriormente. Por meio deste conto, observa-se que Machado de Assis faz críticas contundentes ao “amor romântico”, quando enfatiza a quebra de juramento de Genoveva e o possível triângulo amoroso entre Deolindo, Genoveva e José Diogo.

No que se refere à figura do homem no conto, fica perceptível que ocorre um rompimento da imagem do homem no século XIX, que, como sabemos, nesse período era visto como um ser forte, que praticamente não demonstrava suas fragilidades. Geralmente o mais comum era que os homens cometessem o ato da traição, mas em *Noite de almirante*, acontece o oposto.

Assim, ao demonstrar todo o seu romantismo a Genoveva, o que para muitos era considerado uma fraqueza, ou seja, promove-se uma mudança no comportamento do homem. Deolindo demonstra seus sentimentos, apesar de não assumir a traição, por vergonha, a fragilidade do homem se torna exposta assumindo, mesmo que momentaneamente, uma representatividade que costumava ser apenas da mulher.

O que se verifica também, em sentido mais amplo, é um rompimento de paradigmas da camada burguesa do século XIX, em que o homem ao ser traído geralmente se vingava, mas nesse conto o personagem procura manter sua honra apenas escondendo a traição que sofrera, ao invés de buscar vingança. Outro fato que chama atenção no conto é que Deolindo goza da fama de ser um homem que tinha uma mulher em cada lugar por onde passava, o que também era característica do século XIX, o homem trair e a mulher ser apenas compreensiva, mas Deolindo também rompe essa imagem, pois o conto não relata a existência de uma outra mulher, mas afirma que ele cumpriu as juras de amor que fizera a Genoveva.

A inversão de papéis que Machado de Assis apresenta aqui torna-se uma crítica aos homens do século de XIX, bem como para toda a sociedade, quando este faz referência à força da mulher e coloca o homem como um ser capaz de ser “domado” sentimentalmente. O que se verifica no decorrer da narração é que o comportamento vivido pelo personagem Deolindo quebra os papéis sociais estipulados para os homens pela sociedade, ao deixar transparecer o que sentia, mesmo que de forma discreta, por se sentir envergonhado.

4.4 Análise da representação masculina sob a perspectiva da infidelidade nos 3 contos machadianos

Os três contos, *A cartomante*, *A carteira* e *Noite de almirante*, abordam temas como o amor, a infidelidade, a paixão proibida e o sentimento de desconfiança. Os personagens masculinos nos contos de *A cartomante* e *A carteira*, representados por Vilela e Honório, possuem características em comum, por vivenciarem uma traição, as semelhanças entre os dois contos aumentam ao percebermos que a traição sofrida pelos personagens foi advinda não apenas das esposas, mas também dos amigos que tinham um convívio com a família.

No conto, *A cartomante* essas traições foram capazes de destruir amizades, provocar escândalos na sociedade e a destruição de uma família em construção. Já nos contos, *A carteira* e *Noite de almirante*, as traições não se tornaram pública e não houve escândalos, mas o autor buscou retratar os dois lados dos personagens enfatizando a aparência e a essência de cada um dos personagens.

Normalmente, nessa época, os casos extraconjugais ocorriam com pessoas próximas à família e que costumavam frequentar o ambiente familiar diariamente, é o que ocorre nos contos *A cartomante e A carteira*. Nesses dois primeiros exemplos os maridos não suspeitavam que estavam sendo traídos pelas esposas e pelos amigos, pois os amantes agiam de forma discreta quanto ao relacionamento.

Já *em Noite de almirante*, o personagem Deolindo fica constrangido e acaba por não externar a seus companheiros de viagem a infidelidade da mulher, pois naquela época um homem ser traído era motivo de muita vergonha e desonra, então este personagem prefere manter as aparências, deixando a entender que havia tido uma verdadeira *Noite de almirante*, a ter que encarar a realidade de ter sido substituído por um novo amor.

Algumas distinções podem ser apontadas em relação aos contos anteriores, visto que neste observa-se ainda que o amante não era amigo de Deolindo, como aconteceu nos dois primeiros, outro fato que diverge dos demais é que Genoveva e Deolindo não chegaram a casar-se, apenas trocaram juras de amor.

O tema da infidelidade presente nos contos em análise relata o amor como um sentimento mutável, ou seja, vivido de maneiras diferentes em cada um dos contos. Nota-se que por um determinado tempo que aquele sentimento que

parecia ser eterno por alguém, é direcionado a uma nova pessoa, ou seja, com o passar dos anos esse amor tomar novas forma.

O distanciamento torna-se presente nos contos, *A cartomante* e *Noite de almirante* com a nova realidade vivida quando o cônjuge se apaixona por uma outra pessoa. E quando a infidelidade é descoberta faz com que a frustração e o cansaço passem a fazer parte do dia a dia dos "apaixonados".

Geralmente nas narrativas do século XIX a questão da infidelidade amorosa, principalmente no interior da instituição casamento, é abordada como algo que ocorria tipicamente por parte do homem, sendo a mulher ser a vítima da traição. Não é, porém, o que se verifica nos contos machadianos em estudo, cujo compromisso de fidelidade é rompido pela mulher, notando a quebra de padrões e a ruptura da representação social não apenas do homem, mas da mulher também.

Em *Noite de almirante*, por exemplo, ao apresentar-se Genoneva como a figura que trai Deolindo com o mascate José Diogo, esta quebra de padrões se repete, porém de forma mais intensa, visto que ela não teme as consequências sociais de seu comportamento, tanto que quando Deolindo retorna de sua viagem, ela o recebe cordialmente, o que demonstra uma certa ousadia dessa personagem. Deolindo, por sua vez, tampouco reage como geralmente acontecia a um homem que sofria traição no século XIX, pois busca preservar a sua honra, ficando em silêncio, ao contrário do que ocorre em *A cartomante*, onde marido traído opta por preservar sua honra eliminando tanto a esposa como o amante.

Constata-se, então, que nesses três contos, Machado buscou representar críticas aos padrões de comportamento desta sociedade, expondo seus modos de vivência e relações sociais considerados escandalosos, como a hipocrisia, a traição, o assassinato, dentre outros. Outro fator predominante na elite do século XIX, representada pela camada burguesa dentro dos contos machadianos, é que ela procurava expressar seu alto poder aquisitivo através de festas de alto padrão, roupas sofisticadas, luxo, entre outras características.

O homem do século XIX está ligado à burguesia, como se demonstra, por exemplo, no conto *A carteira*, onde caráter, posição social, dinheiro e, acima de tudo, uma profissão reconhecida, fazia toda diferença na forma como as pessoas eram consideradas por outras. Demonstrar à sociedade e a terceiros que se consegue manter um bom relacionamento e um padrão financeiro alto, tornava-se uma obrigação do sexo masculino. A vida de aparências em que tudo parece

maravilhoso não expressa, de fato, os conflitos internos que os personagens costumavam possuir, nem os problemas que os afligiam.

Em relação a figura feminina, observamos que esses contos trazem figuras de mulheres atraentes, cheias de vida, vigores entre outras características que despertam o interesse desses homens, sendo eles casados ou não. A mulher, apesar de tudo que detinha, como riqueza e status, evidencia que não era suficiente para permanecer fiel ao esposo.

A chama do amor fazia com que nascesse um sentimento mais aprofundado por outro homem, mas percebe-se que a reação da camada burguesa da época impedia que esse amor fosse demonstrado publicamente, já que os costumes não permitiam que as esposas desrespeitassem os maridos, sendo a traição, como já abordamos, vista como um escândalo, e o casamento, muitas vezes, construído sob o véu das aparências que geralmente era resultado de arranjos anteriores ao próprio sentimento de amor entre o casal, levando-se em conta a posição social do cônjuge.

Sendo assim, a mulher, por sua vez, costumava apresentar-se como perfeita, delicada e calma, porém com uma capacidade de atrair outros olhares, além do olhar do seu marido. Entretanto, apesar de sua fragilidade, beleza e ainda sua vaidade, as mulheres machadianas sabem o que querem, e são percebidas nos contos como mulheres ousadas e também ambiciosas.

Essas características são notáveis nas personagens Rita de *A cartomante*, Amélia de *A carteira* e Genoveva de *Noite de almirante*. Ao fazermos um paralelo entre as três personagens, percebemos que Rita e Amélia viviam casamentos de aparência em prol da manutenção do status, elas revelam duas faces, mostrando-se como esposas dedicadas, porém não deixando transparecer sua verdadeira essência e os segredos que carregam em seus corações. Verifica-se, então, que temiam ser descobertas e duramente julgadas ou punidas, como aconteceu com Rita e seu amante.

Já Genoveva, difere das duas primeiras personagens, seja porque não age de acordo com o esperado, aguardando que o amado volte, seja porque não demonstra receio de ser descoberta, mas assume o amante, inclusive para Deolindo, fazendo valer seus desejos. Embora fosse reprovável sua atitude, a personagem quebra as tradições e se posiciona em conformidade com suas vontades.

Nos contos *A cartomante* e *A carteira*, os amantes, como mencionado, eram amigos dos esposos dessas mulheres, o que gerava, além da traição, um desrespeito à amizade que existia. De outra perspectiva, aponta-se que Vilela, ao matar sua esposa Rita e o amante, opta por ficar sem esposa e sem o melhor amigo, a ter que aceitar a traição sofrida, preservando, assim, a honra segundo os parâmetros sociais, ele tinha a opção de perdoá-los e terminar o casamento e a amizade, mas como na elite burguesa era costume a pessoa traída manter a aparência, ele resolveu se vingar dos dois.

Já no conto *A carteira*, embora tenha visto os bilhetes dentro da carteira, Honório não teve curiosidade de abri-la e por isso, não chegou a ver que eram bilhetes de amor de seu melhor amigo Gustavo para sua esposa, dona Amélia mostrando assim seus princípios éticos e a sua honestidade para com seu amigo.

Dessa ótica, percebe-se haver um sensível contraste entre estes dois personagens, pois enquanto Honório respeita a sua amizade com Gustavo, devolvendo a carteira ao descobrir a quem pertencia, Gustavo apenas aparenta ser um amigo fiel, quando na verdade mantém um caso amoroso secreto com a esposa de Honório. A grande questão nesse conto está em que seu autor não desvenda se o marido traído descobre ou não a traição do amigo e a infidelidade da mulher, permanecendo o impasse aberto ao leitor.

Por fim, em todos os contos em análise, evidencia-se a ocorrência de infidelidade e falsidade por parte dos envolvidos, além de uma crítica social à burguesia e às expectativas da relação amorosa. As atitudes sarcásticas, irreverentes e desafiadoras nessas obras também constituem parte da identificação de Machado de Assis, que também aproveita para fornecer opiniões próprias em relação à sociedade da época, aos aspectos políticos e econômicos.

5 CONCLUSÃO

Machado de Assis foi o maior representante da escola literária realista, suas obras reúnem inúmeras questões sociais, e seu talento é incomparável. Suas narrativas abordam temas que podem ser comparados com os dos dias mais contemporâneos, tornando-os atuais. O autor transporta o leitor para dentro das suas obras, familiarizando-o com os cenários das narrativas, a linguagem e os assuntos corriqueiros por meio dos quais o leitor pode imaginar cada detalhe.

A infidelidade relatada no século XIX sob a perspectiva feminina demonstrava uma rejeição e preconceito em cima da mulher, quanto ao homem essa visão não existia, pois a posição de “vítima da sociedade” não era algo utilizado para a imagem masculina. Dentro dos contos de Machado de Assis o homem possuía ou repassava a imagem de um ser forte, mas também vulnerável.

Em relação à ideia de representações sociais, tomada de Moscovici, estas decorreriam de uma aprendizagem contínua, em que o indivíduo, após observar gestos, falas e ações de outros, seria capaz de repeti-los, o que envolve tanto um aspecto psicológico, isto é, os comportamentos para determinadas ações e os pensamentos, quanto um aspecto cultural, representado pelos costumes criados e enraizados de uma sociedade. A representação social, por sua vez, pode ser percebida e discutida em questões como a identidade masculina, baseada na premissa de que o homem estava à frente de tudo e não sofria preconceito por cometer adultério.

As figuras masculinas dentro do conto A cartomante expressam uma imagem de seres vulneráveis, seja pela descrença percebida em Camilo em relação à cartomante, seja pelo fato de Vilela não desconfiar de sua esposa. Por outro lado, essas figuras masculinas tomam determinadas atitudes que podem ser consideradas boas ou más, inexistindo um herói dentro da história. Dessa forma todos interpretam um papel social e Machado de Assis deixa a caráter do leitor julgar cada personagem.

Como a burguesia no século XIX possuía grande representatividade social, visto que festas e jantares eram eventos padrões da época, com ostentação do alto poder aquisitivo, a mulher precisava estar encaixada dentro desses padrões, como também a família, pois manter a aparência dentro da elite tornava-se algo primordial. Já para os homens, essa realidade estava presente desde muito cedo,

através dos mesmos costumes entre os amigos e as famílias da sociedade. No conto A carteira, observa-se que Machado de Assis retratou essa visibilidade da burguesia fortemente presente na sociedade, na qual Honório buscava manter as aparências. No que diz respeitos às figuras masculinas deste conto, nota-se que o autor trabalha duas perspectivas: a do fracassado e do vencedor, vistos que Honório e Gustavo, sendo advogados, apresentavam distinções perceptíveis.

No conto Noite de Almirante, assim como nos anteriores, percebe-se a ironia, falsidade e hipocrisia dos personagens. Neste conto nota-se um rompimento de paradigmas da camada burguesa do século XIX em relação à infidelidade, ou seja, longe de buscar vingança e cometer violência, o que se percebe é apenas a figura masculina tentando manter sua honra, ao esconder a traição e seguir em frente, mesmo desolado. Percebe-se dentro dessa narrativa um contraste entre amor e desprezo, porém os dois sentimentos prosseguem numa mesma perspectiva.

Machado de Assis permitiu observar-se através dos contos A carteira, A cartomante e Noite de almirante a questão da infidelidade do ponto de vista da figura masculina. O homem por deter uma imagem forte e poderosa não costumava ser criticado pela parte do adultério, diferente da mulher, altamente julgada e malvista, caso descoberta. Nos três contos observou-se uma sociedade machista e cheia de tabus, principalmente em relação à traição. Os homens observavam as mulheres como “um objeto”, não se evidenciando consideração de amizade e tão pouco respeito. Normalmente o homem era visto como benfeitor, com status social, poder e visibilidade digna frente à sociedade, mesmo acumulado de dividas.

Portanto, as obras trazem consigo um assunto polêmico e ao mesmo tempo atual. O tema da infidelidade abordado nos contos caracteriza o amor como um sentimento instável, vivenciado de maneiras diferentes dentro de cada história. Nota-se também que o sentimento amoroso, aparentemente direcionado apenas a uma pessoa, será dirigido a outra, tomando novos contornos. Machado também buscou demonstrar de certo modo a fragilidade masculina, que não era discutida, já que a figura de um ser forte e corajoso sempre predominava, porém em seus contos uma contrapartida de medo, angústia, decepção e ainda sonho podia ser percebida.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Mário. “Memorial do Ayres”. *In:* GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis:** O romance Machadiano e o público de literatura no século XIX. São Paulo: EDUSP, 2004, p. 475-483.

ALEXANDRE, Marcos. Representação Social: uma genealogia do conceito. **Comum**, v. 10, 2004.

ANDRADE, F. T. de. Memórias Póstumas de Brás Cubas - Machado de Assis. *In:* **Objetivo - Os livros de FUVEST**, 2002.

ASSIS, Machado de. **Esaú e Jacó**. Rio de Janeiro: Editora Garnier, 1904.

ASSIS, Machado de. **Machado de Assis**: crítica, notícia da atual literatura brasileira. 1ª ed. São Paulo: Agir, 1959. p. 28 – 34.

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. v. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000232.pdf. Acesso em: 06 de Outubro 2022.

AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. 1ª ed. São Paulo: Companhia, 2004.

AZEVEDO, Sílvia Maria. Machado de Assis entre o jornal e o livro. **O eixo e a roda**: **revista de literatura brasileira**. V. 16, p. 167-177. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

BORGES, Sandra Inês. **Quando a violência e a dor destroem uma família: o silêncio desesperador de Martiniano Ríos em Cavalos do Amanhecer de Mario Arregui**. 2015. Disponível em: https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/934/1/Sandra.pdf/acessado em 11 de dez. de 2021.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 49ª ed. Ed. Cultrix: São Paulo, 2013.

BRASIL é o segundo país que mais trai; local preferido de infiéis é a web. **Correio** Braziliense. 20 de outubro de 2015. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/10/14/interna_tecnologia,502440/pesquisa-mostra-xxx.shtml. Acesso em: 04 outubro de 2021.

CÂNDIDO, Antônio. Esquema de Machado de Assis. *In:* **VÁRIOS Escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre azul, 2004.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade:** estudos de teoria e história literária. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CANEZIN, Claudete Carvalho. A mulher e o Casamento: da submissão à emancipação. **Revista Jurídica Cesumar**, [S.l.], v.4, n. 1, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II. *In:* **A face e o verso: *estudos sobre o homoerotismo II***, 1995.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Sociologia**: introdução à Ciência da Sociedade. São Paulo: Editora Moderna LTDA, 1987.

FELDMAN, Clara. **Sobrevivendo à traição**. Incluindo poemas de Cláudia Myriam Botelho. 4. ed. Belo Horizonte: Crescer, 2005.

FERNANDES, Marcelo J. **Quase-macabro: o fantástico nos contos de Machado de Assis**, 1999. 110f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

GOTLIB, Nádia Batt ella. **Teoria do Conto**. 11. ed. São Paulo: Áti ca, 2006. 95p.

GUIMARÃES, Bernardo. **A Escrava Isaura**. 1ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

GUIMARAES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis:** o romance machadiano e o público de literatura no século 19. São Paulo: Nankin; Edusp, 2004.

LIMA, Luiz Costa. O palimpsesto de Itaguaí. *In:* LIMA, Luiz Costa. **Pensando nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Verdade e Pluralidade** – Carta de Princípios. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012.

LORDELLO, J. M. **Entre o Reino de Deus e o dos Homens**: a secularização do casamento no Brasil do século XIX. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

MARQUES, L. Cordeiro. Os Contos Machadianos e as Relações Sociais: do realismo à atualidade. *In:* **O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense**. Vol. I Paraná, 2010. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_unicentro_port_artigo_liliane_cordeiro_marques.pdf/. Acesso em: 28 de Out.de 2021.

MENDONÇA, L. M. **Infidelidade conjugal**: sob a ótica sistêmico-psicodramática. Salvador: Bureau, 2009.

MÉRIAN. J. Y. **Aluísio Azevedo, vida e obra**: (1857-1913). Rio de Janeiro: Espaço e tempo, 1988.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Machado de Assis:** estudo crítico e biográfico. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

MILLET, K. **Sexual politics New York**: Doubleday & Compan, 1970.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. *In:* MOSCOVICI, S. (Ed.), **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 29-109.

MOSSÉ, G. L. Masculinidade e Decadência: *In:* PORTER, Roy; MIKULÁS, Teich, (orgs.). **Conhecimento Sexual, Ciência Sexual:** a história das atitudes em Relação à Sexualidade. São Paulo: UNESP/Cambridge University Press, 1998.

NARVAZ, Martha Giudece; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia e Sociedade**, vol. 18, nº 1, janeiro/abril. Porto Alegre, 2006.

NOLASCO, Sócrates. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: NOLASCO, S. (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.

OLIVEIRA, Pérsio Santos de. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Ática, 2002.

PEREIRA, Astrogildo. **Machado de Assis**: ensaios e apontamentos avulsos. 2ª ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, Nossa Terra, 1991.

PEREIRA, Astrojildo. Pensamento dialético e materialista. *In:* PEREIRA, Astrojildo. **Machado de Assis:** ensaios e apontamentos avulsos. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991. p. 123-151.

PETERSEN, J. Allan. **O mito da grama mais verde: infidelidade conjugal – causas, prevenção e soluções**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, 1985.

PINHEIRO, Alexandra Santos *et al.* Paradigmas revisitados em Mika de Elsa Osorio. **Letras em Revista**, v. 10, n. 2, 2020.

QUEIROZ, M. I. P. de. O coronelismo numa interpretação sociológica. *In:* QUEIROZ, M. I. P. de. **O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios**. São Paulo: Alfamega, 1976. p.163-216.

SAFFIOTTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAWAIA, Bader Burihan. Representação e ideologia – o encontro desfetichizador. *In:* SPINKY, Mary Jane P. (org.). **O conhecimento no cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 73-84.

SAYÃO, Débora Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. **Revista Perspectiva, Florianópolis**, v. 21 n.1, jan./jun. 2003.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

WALDEMAR, O. J. Divórcios e Recasamentos: Enfrentando o Desconhecido. *In:* PRADO, Luiz Carlos. **Famílias e terapeutas:** construindo caminhos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

XAVIER, Maria E. S. P. **História da educação:** a escola no Brasil. São Paulo: FTD, 1994.